

The background of the cover is a sepia-toned landscape painting. It depicts a forest with several tall, slender trees in the foreground and middle ground. The sky is dark and filled with heavy, textured clouds. The overall mood is somber and atmospheric.

# últimos dias

Lucian Chaussard

**últimos días**

*Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, freqüentá-la;  
Captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela dicção ela começa as aulas)*

João Cabral de Melo Neto, *Educação pela pedra*

# 1

Marcelo passou a noite sem dormir. No escuro, deitado, olha para o teto. Bota a mão no rosto e acompanha com os dedos uma linha imaginária que começa no centro dos cabelos negros, passa pela sobrancelha direita, desce até a bochecha e termina no pescoço recém barbeado. Olha pra o teto e distingue algumas ranhuras no fundo branco. Tenta formar algum desenho com elas, mas não consegue.

Carros passam e deixam um rastro de luz na parede. Marcelo levanta-se. Aproxima-se da escrivaninha e abre o caderno de capa azul marinho. Pega uma caneta, procura por uma folha limpa e escreve:

*Decidi por fim à minha vida.*

*Sou o único responsável por essa decisão. Pai, você não fez nada de errado, eu só não consigo mais. Tudo parece bem, mas na verdade está desmoronando. Queria conseguir escrever mais. Peço desculpas por fazer isso.*

Fica claro. Não sabe que horas são, mas ouve pássaros cantar. Começam de maneira tímida, mas depois aumentam. Marcelo pensa que essa pode ser uma ideia de inferno: centenas de pássaros cantando sem parar, sem fim.

A respiração é lenta e ele percebe as batidas do coração vibrarem seu corpo. Precisa se preparar para mais um dia. Senta-se e põe as mãos sobre os joelhos. Tira a camiseta, que cai no chão. Levanta-se e vai até a janela. Separa a roupa. Não consegue botar nada para dentro do estômago. O som da porta batendo ecoa na sala de poucos móveis.

\*

A boca se mexe, mas não há som. Fecha os olhos e permanece sem não ouvir nada do que diz a meteorologista. Como se algo se destampasse, escuta a última frase: “Sim, com a chegada da massa polar atlântica teremos boas chances de neve em São Joaquim”. Abre os olhos e anota mecanicamente a resposta à pergunta de um dos jornais grandes da cidade.

Felizes com a confirmação, os repórteres sorriem e olham uns para os outros. A frase é perfeita para que a coletiva se encerre. Todos se levantam das cadeiras do auditório. Alguns continuam a conversar em pequenas rodas, outros se aproximam da meteorologista e trocam amenidades. Marcelo se afasta do grupo, guarda a caneta e coloca o pequeno caderno de capa azul marinho no bolso de trás da calça. Olhando para chão, deixa o auditório e ganha o hall. Atravessa as portas automáticas e sai do instituto meteorológico.

Ao botar o pé na rua sente o calor e a umidade do ambiente. O céu está parcialmente nublado e o sol é forte. Atravessa uma grande praça aberta

decorada com ladrilhos pretos e brancos. Alguns coqueiros se postam de vez em quando, mas não conseguem fazer sombra. De longe, nota um sujeito que cruzará o seu caminho num ponto em breve no futuro. Fica com medo, pois a região não é muito segura. Acelera o passo, começa a suar, mas chega ao ponto de ônibus antes que o sujeito se aproxime.

Espera quinze minutos no ponto. Junto dele estão dois homens de sua idade, um estudante de um colégio público que fica ali perto e uma mulher de mais ou menos 50 anos, que carrega um sacola grande de exames médicos. Olha no relógio, são 15 para as 5. O ônibus chega. Há muitos lugares livres. Decide ficar em pé, pois o caderno azul está no bolso de trás. A viagem é curta e ele não presta muita atenção na paisagem. Em um momento o sinal fecha. O ônibus para ao lado de um outdoor, que cria uma sombra em sua vista. É uma propaganda do Governo do Estado. Um agricultor, um operário e um comerciante estão com as mãos unidas. O fundo é um gramado com um horizonte ensolarado. Embaixo, um texto com letras grandes e modernas: “Juntos crescemos”. Uma pixação ilegível tapa parte do letreiro.

Marcelo chega à redação e se senta na frente do computador. A sala está cheia, ao contrário do horário em que ele chegou pela manhã. Sente-se constrangido, como se todos soubessem de seu segredo. Liga o computador e tenta se concentrar. Como prometido, a matéria precisa estar pronta em uma hora. Escreve alguns tópicos, digita as falas da meteorologista e começa a preencher os parágrafos. Em meia hora tem uma primeira versão do texto. Lê e

relê o lide, não se sente satisfeito, mas sabe que não pode fazer melhor com o tempo que resta. Acha que pode ser apenas um problema de enfoque ou quem sabe tenha perdido a mão de vez. Vem notando que suas matérias estão soando cada vez piores. Não pode se orgulhar de ter o texto claro que tinha antes. Mas não é como se fizesse alguma diferença na redação. O importante é entregar a informação a tempo, lhe disseram, quando pediu por um retorno. Por isso, dá de ombros. Envia o e-mail com o texto para Jair, o editor do caderno. Levanta-se para pegar suas coisas e ir embora quando percebe o acenar da diretora do jornal dentro do seu escritório envolto por paredes de vidro.

\*

“Ainda bem que te peguei a tempo.”

“Sim, tá precisando de alguma coisa?”

Alexandra se desencosta da cadeira e apoia os cotovelos na mesa. Ela usa um tailleur marrom e uma camisa cor de creme com um laço no peito. Os cabelos de cor castanho-claro revelam alguns fios de cabelo acinzentados.

“É o seguinte, o Jair precisou sair mais cedo hoje e não conseguiu falar contigo. O Mauro tá doente. Me ligou hoje meio-dia e disse que talvez até tenha que ser internado.”

“Putz, o que houve?”

“Princípio de pneumonia. Mas então, ele não vai poder ir na viagem que tá marcada nessa semana para Xerém e para Schmidt. A gente tinha escalado ele já que ele que fez a primeira matéria sobre o tornado, daqui.”

“Sei, são quantos dias?”

“Três. São duas pautas, a primeira é pegar um ambiental dos dias seguintes do desastre lá de Xerém. Em Schmidt é pra acompanhar a audiência da fábrica da Schloss. Tu podes quebrar esse galho pra gente? A saída é hoje a meia-noite para poder pegar o dia todo amanhã.”

“Posso sim.”

“Sabia que podia contar contigo, querido. Eu te passo por e-mail as pautas. É sem mistério. Em Xerém, fala com pessoal da prefeitura, da Defesa Civil e se der e tenta achar algum personagem que mostre bem o desastre que aquela gente lá passou.”

“Tá bom.”

“Em Schmidt é só acompanhar a audiência pública que vai tratar da instalação da fábrica. Pega uma palavrinha do prefeito e do representante da fábrica. Foca no desenvolvimento econômico que a Schloss pode trazer pra região. A gente fez as duas pautas em uma viagem só porque era mais econômico, tu sabe como são as coisas, né?”

“Sim, claro. Sei que tá difícil.”



“Nem me fala, a redação tá com metade do tamanho que eu queria... mas vamos parar de falar sobre isso porque eu não quero me incomodar. Me diz, como tá o teu pai? Faz tempo que não falo ele.”

“Tá bem, acho, na medida do possível. Não tá saindo muito de casa e não parou de fumar ainda, apesar de todos os alertas.”

“É, acho que não é agora que ele vai parar de fumar... eu comecei a fumar por causa dele, sabia? Foi quando eu era estagiária no Tribuna. Num intervalo ele me ofereceu e eu aceitei, acho que pra me sentir mais adulta ou alguma besteira assim.”

“Meu pai sendo uma má influencia pra alguém. Novidade.”

“Pois é... mas tu sabe que tem sorte de ser filho do Robertão, né?”

“Sim, eu sei.”

“Por isso tu deveria se espelhar mais nele.”

Ela bate com os dedos no tampo da mesa.

“A verdade é que tô sentindo que tu não tá mais te doando aqui. Tu não acha?”

“Não sei... eu tô fazendo algo de errado?”

“Não, imagina. Eu só fiquei um pouco preocupada. Tu sempre foi um guri bom, mas parece que tá ausente.”

“Não te preocupa, tá tudo bem.”

“Tá bom, então. Mas eu tô de olho, hein.”

Ela faz o movimento de se levantar sugerindo para que Marcelo faça o mesmo.

“Manda um beijo pro teu pai.”

\*

Enquanto Marcelo estava na redação, uma pancada de chuva caiu no centro da cidade. As poças que se formaram dão um aspecto sujo para o calçamento irregular da parte velha do centro. Um homem sem camisa arrasta um pedaço de plástico no chão e berra coisas sem sentido. Cansadas, as pessoas apertam o passo, com medo de que outra pancada se inicie. Marcelo anda em direção ao terminal de ônibus mas não sente vontade de ir para casa. Contudo, não sabe para onde ir. Só queria que esse incômodo que sente passasse. Sobe de maneira automática no ônibus. Senta-se e tenta se acomodar no banco duro. As luzes se acendem, o motor liga fazendo um zumbido, que junto com o cansaço que sente no corpo, lhe traz o sono. O silêncio é interrompido por uma mulher que fala ao celular. Ela conta em um tom baixo como foi o seu dia. O ônibus avança e o mar escuro da Baía Norte ganha a vista. Um conjunto de pedras é tomado por pássaros negros. Pessoas com roupas coloridas fazem exercício na calçada da avenida Beira-mar. Um mendigo toma banho nas águas da baía, não se importando com o fato de ela ser poluída. É o fim de mais um

dia. De súbito, Marcelo decide saltar alguns quilômetros antes da sua casa. Puxa a cordinha e desce do ônibus.

Anda pela região entre o centro e a Agrônômica e percebe que tomou uma decisão ruim. Não tem muito para onde ir e sente que o entorno começa a ficar um pouco perigoso. A única opção, que queria evitar, é ir para o shopping que fica ao lado. Resignado, aperta o passo e entra no centro comercial. A diferença de temperatura entre o quente da rua e o gelado do ar condicionado o faz despertar.

Dentro do shopping, começa a vagar sem direção. Olha algumas vitrines e tem vontade de comer alguma coisa. Há um movimento intenso e um pouco inusitado, como se todos tivessem passando pelo mesmo mal do que ele. Com dificuldades de decidir, Marcelo se desloca preguiçosamente pelos corredores.

Ele interrompe o passo e decide tomar um café. Volta e desce um andar de escada rolante. Observa a altura que se encontra e sente uma pequena vertigem. Chega no café e se senta em uma mesinha. A atendente se aproxima. É uma mulher de meia idade, dentes amarelados e olhos pequenos, cabelo castanho claro. Parece irritada, mas tenta não causar mal-estar entre os consumidores. Marcelo pede um café e um pão de queijo. Ela anota e sorri. Enquanto a atendente se afasta ele abre a mochila e pega um livro. Tira o marcador da página e tenta se concentrar. Ao seu lado, um casal idoso conversa. Ele tenta ignorá-los, mas não consegue, apesar da conversa parecer

trivial. Ouve apenas alguns números e pedaços de informação. Tenta se concentrar e bota fones de ouvido para ignorar o barulho ao seu redor.

Marcelo lê a primeira frase do capítulo “Tu estás sentado, de torso nu, vestindo apenas uma calça de pijama em tua quitinete, sobre o estreito assento que te serve de cama, um livro, “Lições sobre a sociedade industrial”, de Raymond Aron posa sobre teus joelhos, aberto na página cento e doze.” Continua a leitura em vão. Não consegue absorver o que está na página. Volta para a primeira frase e recomeça. “Tu estás sentado, de torso nu...”. Desiste. Levanta os olhos do livro e percebe passar uma mulher de traços orientais com longos cabelos escorrendo pelos ombros. Ele respira e percebe que não consegue se concentrar. Abre seu caderno azul e tenta fazer um rápido esboço da mulher. Alguns traços sugerem o longo cabelo negro. A figura, de costas, parece apenas um fantasma no papel. A atendente chega com o café e o pão de queijo.

Dá alguns goles grandes e termina o café rapidamente, como se tivesse um compromisso urgente. Levanta-se, paga e volta a andar pelos pisos do shopping. Observa quem passa. Há muitos casais e famílias que circulam pelos corredores. Sente não fazer parte deste lugar, nem deste conjunto de pessoas. Acha melhor sair do shopping e ir para casa. Em direção à porta de saída, passa pela praça central. Observa uma estrutura montada para divertir as crianças. É uma espécie de mini-cidade com carros, ruas e semáforos imitando uma situação de trânsito. Ele se aproxima e se apoia na grade que separa a

instalação do ambiente do shopping. Observa um instrutor vestido com uma macacão azul claro e uma boina também azul claro tentar conter uma situação de tensão entre duas crianças. Dois carros se chocaram o choro se iniciou. Um pai acudiu uma das crianças e não parece feliz com o caso. O instrutor tenta aproveitar a situação para dar uma lição de trânsito e cidadania. Não consegue. Soa completamente artificial e as crianças, de menos de 4 anos, não parecem entender o que está acontecendo. Marcelo desperta do transe, se afasta e sai do shopping.

\*

Marcelo larga a mochila em cima do sofá, liga as luzes, abre a janela e se senta. Uma sensação de cansaço toma conta de si. Precisa arrumar a mochila para os três dias de viagem. Precisa comer alguma coisa. Precisa fazer algo, mas não consegue. Olha ao redor, alisa o braço do sofá e sente uma espécie de repulsa de estar sentado naquele lugar, dentro desse apartamento onde tudo parece marcado, viciado, sujo e vazio. Levanta-se, vai até a sacada e empurra a porta. Entra na varanda e bate com o pé em uma planta amarelada que está no seu canto esquerdo no chão. Sempre esquece de colocar água nela. Arranca alguns ramos mortos e os joga pela sacada.

Apoia os braços no parapeito de concreto. A temperatura caiu desde que saiu do centro. O vento faz as árvores a sua frente balançarem. Marcelo olha

para baixo e encara o chão embarrado que fica a 4 andares dali. É uma região do prédio em que nunca pega sol e tem aspecto úmido e degradado. Para por um instante e começa a perceber os detalhes da terra alaranjada. Lajotas que aparecem e somem no meio do barro. Pedregulhos que se misturam com a terra. Gramas que insistem, em vão, crescer. Seu corpo se inclina levemente e ele testa seu equilíbrio usando o parapeito como ponto de apoio. Começa a ter consciência de sua respiração. Inclina-se um pouco mais, até quase cair. Dá uma respirada funda e fecha os olhos. De repente, puxa um catarro e cospe. Observa o cuspe cair e atingir bem o meio de uma lajota aparente. Ergue-se do parapeito e volta para dentro do apartamento.

Fecha a porta da sacada, tira os tênis e se esparrama no sofá. A sala está a meia-luz. À sua frente há uma reprodução de um quadro pós-impressionista. Ele observa a paisagem mediterrânea com árvores retorcidas e uma montanha em primeiro plano, uma vila colorida em tons pasteis no meio e o mar de um azul morto no último plano. Não lembra direito quando comprou a reprodução. Talvez uma tia tenha dado a ele. A pincelada é visível e dá um aspecto de bruto para a imagem. Considera um quadro bonito, discreto, um pouco neutro, dentro do seu gosto e da maneira com que quis decorar o apartamento. Sente uma vontade súbita de jogá-lo pela sacada. Não o faz porque não tem energia e porque acha ridículo cometer esse tipo de gesto.

Marcelo vira seu corpo e pressiona seu rosto contra o braço do sofá. A verdade é que não quer viajar, mas não teve coragem de dizer isso a Alexandra.

Não sabe em que ponto está sua credibilidade com seus chefes, então não podia se dar ao luxo de recusar. Levanta-se e esvazia a mochila. Vai até o quarto e coloca sem pensar muito peças de roupa para a viagem. Duas calças, três camisetas, um bolo de cuecas e meias. Vai até a cozinha e faz um sanduíche. Bota queijo, presunto e tomate dentro de duas fatias de pão integral, dos quais teve que selecionar porque o resto do saco estava mofado. Espalha um pouco de orégano. Volta para a sala e se senta novamente no sofá. Enquanto come, desvia o olhar da reprodução pós-impressionista e encara para uma porção da parede cor de creme de seu apartamento. As mastigadas vão ficando mais lentas até que por algum motivo ele para de comer. Continua a olhar para a parede. Coloca o prato com metade de sanduíche na mesinha a frente e cruza os braços. Seu rosto perde a expressão. É como se sua energia acabasse de vez. Coloca o prato com o sanduíche no chão e se deita novamente.

\*

Marcelo acorda num sobressalto. A sala está escura e seu braço dói, pois dormiu em cima dele. Levanta-se e se senta. Sente uma moleza e não entende muito bem o espaço a sua volta. A parede, o quadro e o armário parecem uma coisa só na escuridão. Distingue uma das casas do quadro, mas a cor parece diferente no escuro. A sala parece um outro lugar que não seu apartamento. Pega o celular e vê as horas. A luz da tela fere seus olhos. São 20h11. Alcança o

prato com o sanduíche e termina de comê-lo no escuro. Lembra-se que precisa ir ao seu pai. Bota o tênis e leva o prato vazio até a cozinha. Bate com o joelho na quina do sofá no meio do caminho. Vai até o banheiro, urina e se olha no espelho. Tem cara de que acabou de acordar. Parece mais pálido do que o normal. Joga água no rosto e esfrega bem os olhos na tentativa de que essa sensação passe. Olha novamente para o espelho. Arruma os cabelos, ensecados do dia quente. Precisa tomar um banho, mas sente preguiça. Vai até o quarto e confere se a mochila está pronta. Tudo parece certo. Um volume fácil de carregar com o suficiente de roupas para os dias que vai passar. Marcelo volta para a sala, pega as chaves e sai de casa.

\*

Termina de subir o vão de escadas e coloca a chave na fechadura. Para não fazer barulho, abre com cuidado a porta e percebe um volume no escuro da sala, destacado pela luz fraca da varanda que dá para o pátio do prédio. Marcelo acende as luzes e vê seu pai dormindo na poltrona da sala ao lado de uma mesinha com o telefone e uma pilha de pequenos papéis amassados. Ele não ronca, mas está com a boca aberta. Por uns segundos pensa que ele pode ter morrido. Contudo, nota o movimento do seu tórax e vê que ele está respirando. O pai usa um pijama branco e uma jaqueta marrom desbotada. Ao fundo, a janela está levemente aberta e tem um cinzeiro sob o parapeito. Uma mecha



dos cabelos brancos cai sob seu rosto enrugado. Ele toma um susto quando acorda e percebe que é seu filho entrando em casa.

“Oi. Eu trouxe o pão.”

“Obrigado.”

“Como tu tá?”

“Como tu acha? Não passa essa tosse.”

“Que coisa. Quer que eu marque um médico?”

“Eu não vou sair de casa para ir em médico.”

“Tá bom.”

Os dois se olham e imediatamente desviam os olhares.

“Olha só. Eu vou viajar hoje. Vou ficar uns dias fora. Liga para Iara se tu precisar de algo.”

“Eu não vou incomodar a Iara.”

“Eu já te disse que ela não se incomoda. A gente paga ela bem e ela já se dispôs a ajudar quando tu precisasse.”

“Ela trabalha em outros lugares. Eu não quero atrapalhar ela.”

“Tudo bem. Mas se precisar é só ligar.”

“O que que tu vai cobrir?”

“Nem sei direito. Os dias depois do tornado em Xerém e a instalação de uma fábrica numa cidade chamada Schmidt.”

“Todo ano tem tornado no Oeste. Nem notícia é mais.”

“Pois é. O pior é a que eu tive que fazer hoje: neve em São Joaquim. Quase peguei a matéria do ano passado.”

“Que piada... Cobri a enchente de Tubarão de 74. Aquilo sim era jornalismo, andando de barco, ajudando as pessoas, entrevistando quem perdeu tudo. Hoje é só pesquisar na internet que tá pronto, né. Mas vai saber, também. Toda pauta é um presente. Pode aparecer um personagem ali que muda tudo. Quem sabe tu encontra alguém em... como é o nome? Schmidt.”

“É... verdade...”

Marcelo se afasta da sala, entra na cozinha e deixa o saco de pão em cima de uma cesta branca. Há uns 10 sacos vazios de pão amassados e dobrados sobre essa cesta.

“Eu preciso ir. Tu precisa de mais alguma coisa?”

“Não, vai. Boa viagem.”

Ele se aproxima do pai. Ele está com as pernas esticadas em uma cadeira a sua frente. Marcelo se abaixa na altura em que ela está e dá um abraço nele. Ele precisa ficar torto para conseguir envolvê-lo em seus braços. Seu corpo é magro, descarnado. Demora alguns segundos e beija seu rosto. O pai não reage. Ele se afasta e sai do apartamento.

\*

Ao abrir das portas automáticas e ao botar o pé no chão emborrachado da rodoviária, Marcelo sente uma lufada de ar quente no rosto. Avança e ouve o barulho do motor dos ônibus que estacionam no pátio externo. Atravessa o hall da rodoviária Rita Maria e se aproxima da única lanchonete aberta. Passa os olhos sobre uma dezena de balas e biscoitos e não sabe o que escolher. Dá boa noite ao atendente, um homem magro com um boné apertado na cabeça. O atendente não responde. Marcelo continua a procurar não sabe bem o quê. O atendente poussa o leitor de código de barras no balcão. Em um misto de raiva e vergonha, Marcelo desiste de comprar qualquer coisa e vai em direção ao seu ônibus. Está sendo justamente o tipo de pessoa do qual não gosta.

Senta-se na poltrona número 26. O ônibus fica com o motor ligado e as luzes do pátio refletem no vidro da janela. Florianópolis parece uma cidade abandonada embaixo das pontes que ligam a ilha ao continente. Grafites e pixações preenchem as vigas sujas e mal-iluminadas. Marcelo pega o celular e olha algumas vezes a hora na expectativa de que o ônibus finalmente saia. Um homem gordo, de pele morena, cabelos negros e grossos avança pelo corredor. Ele parece ter corrido para chegar até lá, pois está ofegante. Sua mochila vai batendo na ponta das poltronas. Ele faz um leve aceno e se senta ao lado de Marcelo, que de maneira discreta também acena.

O ônibus parte e ganha a BR-101. Há pouco trânsito na rodovia, já que é uma quarta-feira. Marcelo se perde em pensamentos enquanto acompanha a vista passar da suburbana São José para os descampados amplos de

Governador Celso Ramos. No horizonte, percebe uma fileira de eucaliptos que delineiam a estrada principal de alguma fazenda. São árvores grandes, de tronco fino e de folhagem que parecem tufo de algodão negro. Por algum motivo essa paisagem o faz lembrar da infância. Com os dedos, faz riscos na janela do ônibus, que foi tomada pela umidade. Desenhando um círculo imperfeito, ele tenta se lembrar de alguma viagem teria feito durante a infância na parte norte da BR-101. Não consegue resgatar os detalhes.

De repente o homem ao seu lado faz um movimento brusco tentando se acomodar na poltrona. Marcelo então toma consciência de que está dentro de um ônibus em alta velocidade em uma rodovia. Ele se vira e percebe que a umidade começa a tomar conta de novo da janela. Passa a mão sobre a superfície para poder ver a paisagem e sente a água acumular nos vincos da sua mão. Está escuro e ele consegue distinguir apenas a rodovia, o descampado e eventualmente um outdoor de um restaurante de beira de estrada. O ônibus avança mais um pouco e uma casa de madeira emana uma luz fraca de seu interior. Ele se sente longe de Florianópolis, longe de uma segurança e acolhimento que ele não sabia que existia. Tenta imaginar viver sem toda a comodidade e toda a sensação de que está no meio de onde as coisas estão acontecendo, por mais que Florianópolis seja apenas uma metrópole regional esquecida boa parte do tempo por quem não é de Santa Catarina. Tenta se acalmar e vira seu corpo totalmente para a janela, para ficar na posição oposta a de seu companheiro de poltrona. Tenta dormir e esquecer de tudo que vem

passando pela sua cabeça. Não consegue. Sabe que não vai assossegar tão cedo. Bota os fones de ouvido e começa a ouvir baixo uma música instrumental. Fecha os olhos. Ainda tenta entender porque, sendo tomado por uma vontade de não existir mais, aceitou a fazer a viagem.

## 2

Debaixo da mesa, desvio das pernas dos adultos. Meus joelhos doem quando se arrastam no chão de pedrdark landscapea quebrada. Chego perto de Anelise e dou um beliscão nela. Com cara de furiosa, Anelise se abaixa na mesa e diz que quer não quer brincar comigo. Ela se levanta, sai correndo em direção à piscina e some atrás do casarão. Saio debaixo da mesa e vou atrás dela. Passo ao lado da piscina de água esverdeada quando ouço o pai gritar:

“Não corre, Marcelo!”

Porque o pai pediu, diminuo a corrida. Subo a escada que dá para o casarão e passo pelos dois leões de pedra. Tento não fazer barulho na tentativa de pegar Anelise desprevenida. Me encosto na parede descascada do casarão, que tem dois andares, janelas quebradas e pombos fazendo ninhos no telhado. Espio pelo canto da parede e vejo que Anelise não está ali. Passo pela parte lateral e percebo que uma janela está sem as madeiras de proteção. Não penso duas vezes e entro. Está escuro, mas alguns buracos deixam a luz do meio-dia penetrar no ambiente. Dou uma olhada nos cômodos da parte debaixo da casa, passo por um que tem apenas o esqueleto de uma cama de metal. Subo a escada com um pouco de medo, tentando não fazer barulho, mas a madeira é velha e range bastante. Chego no andar de cima e ouço um barulho vindo de um dos quartos. Vou até ele e vejo a janela balançando. Olho lá pra baixo e e lá tá a

Anelise correndo no pátio, indo pro pomar. Olho pra parede e não acredito que ela desceu escorregando no cano da calha, mesmo ela sendo mais alta e mais velha do que eu. Tenho medo, mas se ela, que é menina, fez, eu tenho que fazer também. Deslizo pelo cano e caio com os dois pés no chão, que é feito de placas de pedras sujas de terra. Olho minhas mãos sujas e limpo nos lados da camiseta. Vou em direção ao pomar e tento encontrar Anelise entre as árvores. Não vejo ela.

Desco os três degraus que dão para o pomar. Tento não fazer barulho enquanto ando, mas acabo pisando em alguns galhos e folhas. Um vento bate e as árvores começam a balançar. Alguma coisa se mexe na esquerda, vou em direção a ela. Vejo uns arbustos e umas folhas se mexendo. Era um pássaro.

“Aqui seu bocó.”

Anelise taca uma frutinha que bate na minha cabeça. Olho para cima e vejo ela sentada em um tronco de uma árvore. Ela usa um vestido curto e quase consigo ver a calcinha dela.

“Sobe, anda.”

Começo a subir a árvore com dificuldade, porque os troncos são muito grandes e ficam longe das minhas mãos, mas me esforço e consigo chegar perto dela.

“Vem, senta aqui do meu lado.”

Chego no mesmo tronco que ela. Ela tem umas 20 amoras no colo.

“Quer uma?” - Diz Anelise.

“Sim. Obrigado.”

“Tá boa, né?”

“Tá sim.”

“Me diz uma coisa. Por que tu é tão criança ainda? Quem dá beliscão é criança.”

“Eu não sou criança.”

“É sim. Eu que não sou, tenho 10 anos já, 4 mais que tu.”

“E daí? O que importa é fazer coisa de adulto e não de criança.”

“Sim, seu tanso. É bem o que tu faz.”

“Não faço não.”

“Faz sim. Não me empurra.”

“Então para!”

“Ai!”

Quando vi, tava no chão. Minha cabeça dói. Meu braço dói. Não quero chorar, mas não consigo parar.

“Ai meu deus, pera que já tô descendo.”

“A culpa é tua!”

“Desculpa, desculpa.”

Ela dá um beijo na minha testa. Deitado no chão, eu puxo ela mais pra baixo e dou um beijo na boca dela.

“Ei! Seu tarado!”

Ela sai correndo e gritando:



“Seu Roberto! Seu Roberto! O Marcelo caiu da árvore!”

Meu pai chega, se agacha, limpa as lágrimas do meu rosto, bate na minha bermuda branca para tirar a terra e, sem tirar o cigarro da boca, me levanta.

“Tá doendo, pai.”

“Onde?”

“No braço.”

“Deixa eu ver.”

Ele mexe no meu braço.

“Ai ai ai!”

“Deve ter luxado.”

O pai me leva de volta pra mesa, fala pros amigos dele que a gente vai indo porque eu machuquei o braço e eu só vejo Anelise me olhando de um jeito esquisito. Quando a gente entra no carro, eu dou um pequeno aceno pra ela, mas ela não dá de volta. O pai começa a dirigir o carro e a gente vai pro hospital tirar um raio-x.

“Pai, tu gostava da mamãe?”

“Sim, meu filho, que pergunta.”

“Por que vocês não tão mais juntos, então?”

“Olha, eu já te expliquei. A mamãe é uma pessoa diferente. Ela não se sente bem.”

“Eu sei. Tu beijava ela?”

“Sim, é claro.”

“Não é feio?”

“Quando o homem gosta da mulher e a mulher gosta do homem não é.”

“Entendi.”

A gente chegou no hospital, ficamos uma hora esperando para tirar o raio-x e depois um médico atendeu a gente.

“É está luxado. Ele vai ter que usar uma tipóia” - diz o médico.

“O que é uma topóia?” - disse eu.

“Tipóia. É um curativo grande pro braço. É pra tu não mexer muito ele.”

“Entendi.”

De noite, eu não tava conseguindo dormir. Saí do meu quarto e o pai tava tomando cerveja e vendo TV.

“Pai, qual o telefone da tia Edna? Eu preciso falar com a Anelise.”

“A essa hora, meu filho? Tu devia estar na cama. A Anelise deve estar dormindo já também.”

“Ela é mais velha, fica acordada até tarde.”

“Tá bom.”

O pai disca o número pra mim. O telefone toca.

“Alô?”

“Oi tia Edna, é o Marcelo, a Anelise tá aí?”

“Só um minuto.”

“Alô? - diz Anelise.”

“Anelise, a gente precisa conversar sério.”

“Fala moleque.”

“Tu quer ser minha namorada?”

“Tá louco? Eu devia ter te dado um tapa quando tu me beijou.”

“Mas eu gosto de ti.”

“Eu não gosto de ti. Tu é pequeno e chato.”

“Mas Anelise...”

“Eu vou desligar agora. Passar bem, senhor Marcelo.”

Boto o telefone no gancho, não falo com o pai, vou para o quarto e tento dormir. Demoro até conseguir. Encaro a luz que passa por debaixo da fresta da porta e sinto vontade de chorar, mas não consigo. Nunca mais quero beijar uma garota na minha vida.

### 3

Marcelo desperta quando o ônibus se aproxima da rodoviária. Sente-se estranhamente bem. Afasta a cortina e tenta ver a cara de Xerém pela janela. Em um morro, nota um punhado de casas de madeira de cor morta. O ônibus estaciona na rodoviária, ele desce, se espreguiça e toma alguns segundos observando o ambiente. A rodoviária tem um teto de metal e uma estrutura vazada, fazendo com que o frio da manhã penetre no seu interior. As poucas lojas ali instaladas ainda estão fechadas. Ele caminha até o banheiro, lava o rosto, olha sua cara amassada no espelho e diz para si mesmo que não é a pessoa do reflexo. Sai da rodoviária, espera 5 minutos por um táxi, mas nenhum aparece. Decide ir a pé para o hotel.

Desce a rua da rodoviária, que fica fora da cidade, e caminha por uma região sem muitas construções. Atravessa a ponte do rio que corta a cidade, onde as margens lhe lembram os mangues de Florianópolis. Segue adiante e aos poucos os prédios vão se adensando. Sem se dar conta, chega ao centro da cidade, que parece provinciana. Escolhe caminhar por um calçadão, provavelmente o principal do município. As lojas começam subir as grades e os funcionários iniciam o trabalho sem muito entusiasmo. Algumas poças d'água se acumulam no calçamento cinza e irregular. Marcelo se lembra de que já teve

vontade de morar no interior e ter uma vida sossegada, mas hoje esse desejo parece distante.

Olha para uma loja logo à frente e aproxima-se da vitrine. É de uma loja de antiguidades. Observa algumas câmeras fotográficas antigas, um boneco de palhaço feito de tecido, flâmulas velhas de universidades americanas que não existem. Observa uma bola espelhada, um pouco maior do que seu punho. Surpreende-se com o reflexo que a bola faz de seu rosto, deformado de acordo com a superfície esférica. O frio que fazia até então se dissipa, apesar do céu nublado. Afasta-se, para por um instante e consulta seu celular para localizar a direção do hotel. Segue caminhando, sai da parte mais comercial da cidade e entra em uma região residencial.

\*

Quando vira a esquina a cidade parece se transformar. Há muito barro na pista e entulhos na rua. Um movimento intenso de carros e pessoas, preocupadas em receber provisões e se livrar de entulhos, toma conta do lugar. Segue andando mais um pouco até que se depara com uma casa de madeira no meio da rua, que provavelmente foi arrastada pelos ventos. Ao redor dela algumas pessoas circulam, batem fotos, fazem vídeos. Talvez devesse falar com o dono desta casa, mas desiste logo em seguida. Fora o fato de estar deslocada para o meio da rua, a casa parece inteira e normal. Tem as paredes

pintadas de creme, as janelas de marrom e tem os telhados bastante enegrecidos. Não sabe bem o porquê, mas saca o celular e tira uma foto.

Anda mais um pouco pela mesma rua e observa uma sequência de postes sendo recolocados. São pelo menos seis. Em cada um deles há um eletricista instalando os cabos e mexendo nas peças que transmitem energia elétrica. Os postes parecem ter mais ou menos uns 10 metros de altura e a escada na qual cada eletricista está apoiado tem o aspecto frágil. De repente, um dos eletricistas deixa uma ferramenta cair. Ela bate no chão fazendo um barulho forte e se quebra em duas. Marcelo se aproxima das peças e as junta. O eletricista que deixou a ferramenta cair fala para Marcelo que está tudo bem, que não há o que fazer. Ele abandona as peças no chão e segue adiante.

2.3 Dobra mais uma esquina. Caminhões dos bombeiros, do exército e da Defesa Civil passam a todo momento recolhendo entulhos. Em um terreno, um homem em uma escada tenta desmontar os restos de uma casa de madeira. Ele bate com o martelo em um pedaço de madeira até transformá-lo em pedaços menores. Marcelo aproxima-se e vê que um cinegrafista filma este homem. O cinegrafista abaixa a câmera e foca agora em uma garota que segura umas telhas. O repórter se aproxima e pergunta para ela: “Onde você encontra forças para ajudar um irmão quando você também foi atingida pela desastre?” A garota responde: “tem que ter muita fé e, sabe, ajudar o próximo me faz muito bem”. O repórter pede para cinegrafista se aproximar e vai em direção ao homem com o martelo na mão. Ele estende o microfone para o alto enquanto o

homem se abaixa um pouco para conseguir que o som seja bem captado. O repórter pergunta: “Como está sendo os dias depois do desastre”? O homem responde: “Tem que seguir trabalhando. A gente trabalha uma vida toda para comprar uma casinha e em minutos tudo se vai. Agora é guardar dinheiro para comprar tudo de novo e ter fé em Deus. Só assim pra seguir adiante”. O repórter recolhe o microfone e com uma cara de cansaço fala que falta apenas gravar a passagem. Marcelo se afasta e desce para a próxima rua.

\*

De longe, Marcelo avista o hotel Panamá. É um prédio de 3 andares com faixas cinzas e brancas. Parece mais um prédio residencial do que um hotel. O logotipo é uma pequena ilha com 2 coqueiros. Atravessa a rua quando uma senhora o aborda pedindo dinheiro. Pede desculpas, diz que não tem. Sobe a calçada e chega na porta do Hotel.

Entra no hall e faz os procedimentos de check-in. Completa uma ficha longa de cadastro e o jovem de rosto avermelhado atrás do balcão lhe dá as chaves. Nesse meio tempo um grupo de pessoas também chega. São jornalistas, que parecem impacientes com a demora do atendimento. Marcelo pega as chaves, sobe as escadas para o primeiro andar e se instala no quarto. Examina o cômodo. Parece limpo e bem cuidado. Há uma escrivaninha com uma poltrona bastante confortável para o tipo de hotel que geralmente o jornal

pode pagar. Contudo, não há vista, apenas uma janela que dá para um pátio interno entre o hotel e o prédio ao lado. Senta-se na cama e dá uma lida em um panfleto deixado em cima do criado-mudo, que lista as características do quarto e os serviços que o hotel disponibiliza. Ao lado do telefone há uma publicação fina e azul do Novo Testamento. Alisa a superfície enrugada da cama, se levanta e vai até sua mochila. Tira o computador e o coloca na escrivaninha. Procura pela senha de wi-fi e tenta conectar. Não consegue. Tenta mais uma vez e consegue. Entra em alguns sites de notícia e se sente um pouco mais em casa e menos ansioso. Abre a pauta que Alexandra lhe mandou e anota endereços e nomes dos entrevistados: o secretário de assistência social de Xerém, que marcou entrevista para daqui a poucas horas e um representante da Defesa Civil estadual, que marcou para o começo da tarde. Entra no site da prefeitura de Xerém e pega o endereço da sua sede e de onde estão concentradas as forças-tarefas para superar o desastre.

Termina de colher as informações, abre seu e-mail e começa a escrever uma mensagem. “Oi. Tô em Xerém. Lembra quando a gente fez aquela viagem pro oeste só para não perder os dias que tinha de férias? Acho que a gente passou rápido por aqui, não lembro direito. Desculpa te escrever assim, faz mais de um ano que a gente não se fala, não é? Só queria saber como anda tua vida. Espero que tu não estejas trabalhando no shopping ainda, tu sabe que tu consegue coisa melhor. Por aqui tá tudo bem, sem novidades, minha vida é chata, tu sabes. Enfim, é isso. Um beijo.”



\*

Marcelo coloca seu telefone sobre a mesa. Roda o aplicativo de gravação de voz e faz a pergunta:

“O senhor poderia me dizer quantas pessoas estão desabrigadas e quantos são os mortos e feridos?”

“Sim, nós computamos até agora 315 pessoas desabrigadas, 53 feridos e 9 mortos. Mas o número não é definitivo.”

“E como está a logística de materiais e mantimentos para a recuperação?”

“Creio que o prefeito ou a Defesa Civil podem falar com maior propriedade, mas nós estamos nos organizando no ginásio municipal. Parte dele é onde distribuímos os mantimentos. Na outra parte fizemos um abrigo provisório. Mais ou menos 100 pessoas estão nesse abrigo. As outras 200 estão nos dois colégios municipais, que suspenderam as aulas.”

“Como está o número de voluntários e de mantimentos?”

“Tem gente vindo do Brasil todo. Acho que é verdade quando falam que o brasileiro é solidário. Nosso problema maior é logística, por enquanto. Tá vindo bastante material de todo estado e gente de todo o país. O Governo do Estado está nos dando um forte apoio para organizar as coisas. Prometeram a vinda do presidente nos próximos dias e da liberação de uma verba que ainda tá sendo calculada para a recuperação do desastre.”

“Quais são os próximos passos?”

“Primeiro a Defesa Civil vai terminar de mapear os lugares atingidos. Depois começa a fase de reconstrução. Não está definido ainda a situação das pessoas que perderam suas casas. Teremos que achar um abrigo mais definitivo para elas enquanto as casas não são reconstruídas. Com a chegada do presidente muitas coisas irão se definir.”

“Certo. Acho que é isso. Quero te agradecer muito, senhor Antônio, o senhor tem informações bem completas e me libera de ter que falar com mais gente da prefeitura.”

“A seu dispor, meu jovem. Te convido a visitar o ginásio e dar uma olhada na nossa organização.”

\*

Marcelo sai da prefeitura e aproxima-se da praça central. Passa pela catedral e por um colégio. Crianças brincam de pega-pega no pátio com um uniforme marrom e branco. Uma garota, de uns 9 anos, lhe chama a atenção. Ela come sozinha o lanche, sentada em um banco. Uma das pernas balança e ela mastiga mecanicamente uma bolacha. É quase como se não fosse humana. Desvia o olhar dela e esboça um sorriso sem graça.

Chega ao ginásio que está marcado como lugar do abrigo provisório. Ao entrar nele se depara com pilhas enormes de roupas e mantimentos de um

lado e um acampamento do outro. Sente-se estranho. Aproxima-se do acampamento para ver se consegue aproveitar algum personagem dali.

Marcelo anda ao redor e nota pelo menos umas 40 famílias abrigadas. Cada uma parece ter poucos metros quadrados para se acomodar e guardar suas coisas. Quase não dá para perceber separação entre cada família. Uma mulher sentada em uma cama improvisada dobra as roupas de cama de sua família. Um grupo de crianças corre e ultrapassa Marcelo. Um velho toma um mate encostado na grade que separa a quadra da arquibancada vazia.

Ao completar uma volta pelo acampamento não se decide com quem falar. Sabe que não precisa pensar muito, é só fazer. Opta por abordar a mulher que está dobrando as roupas. Sente que não está certo, mas vai mesmo assim. Aproxima-se do abrigo improvisado. Além da cama na qual ela está sentada há uma cômoda rústica de madeira, uma TV antiga de 20 polegadas e muitas sacolas e malas.

“Boa tarde, com licença.”

“Oi.”

“Meu nome é Marcelo e sou jornalista do Diário da manhã, de Florianópolis. A senhora se importaria de conversar um pouco comigo?”

“Sobre o que que tu quer falar?”

“Eu só queria ouvir a história da senhora, o que aconteceu contigo e com tua família nos últimos dias e como está sendo tua vida aqui.”

“Não quero falar, moço.”

“Só uma palavrinha.”

“O que tu quer saber?”

“A senhora se chama como?”

“Darlene.”

“Darlene. Tu se importa de eu gravar com meu celular?”

“Ah, não, deixa, não quero falar não.”

“Eu faço sem o celular, pode ser?”

“Eu não tenho nada para falar.”

“Mas tu deve ter passado por uma situação difícil.”

“Sim.”

“Faz quantos dias que a senhora está aqui?”

“Dois”.

“E como tá sendo?”

“Uma maravilha. Que pergunta é essa?”

“Claro, deve ser desconfortável. Essas coisas aqui... foi tudo que você conseguiu salvar?”

“Sim, é tudo que tenho.”

“E tu tá sozinha aqui?”

“Não. Tem meu marido e minha menina. Eles foram dar uma volta.”

“A senhora pode contar como foi quando veio o tornado?”

“Eu não tenho muito o que contar. Eu tava em casa, veio um vento forte, uma fumaça que subiu e tomou conta de tudo. Foi muito rápido. A gente se abrigou, mas parte da casa caiu. Ainda bem que ninguém se machucou sério.”

“É verdade.”

“Tá bom, moço? Eu preciso terminar minhas coisas aqui.”

“Posso só pegar teu nome completo e teu telefone?”

“Pra quê?”

“Só para caso eu precise falar com a senhora a respeito de algum detalhes. Mas não se preocupa, dificilmente vai acontecer.”

“Desculpa, mas eu não quero aparecer no jornal.”

“Nem se eu não te identificar?”

“Tá bom, pode ser.”

“Obrigado, Dona Darlene.”

“Até.”

Eles se cumprimentam e Marcelo se afasta do abrigo da família de Darlene. Sua respiração está um pouco acelerada e sente as palmas das mãos molhadas. Olha para baixo e evita o contato visual com as pessoas ao redor. Vai até a arquibancada, tira o caderno azul marinho do bolso e tenta transcrever da maneira mais completa possível as frases que lembra de terem saído da boca de Darlene. Enquanto realiza essa tarefa, tenta se acalmar. Não entende porque está assim. Termina de fazer as anotações e dá uma lida rápida em tudo. Sabe que não prestam. Frustrado, risca as linhas que acabou de escrever.

Desce da arquibancada e dá mais uma volta pelo ginásio. Tenta recuperar a confiança e começa a analisar outros possíveis entrevistados, mas não se anima a abordar ninguém. Ao perceber que se esgotaram as possibilidades, se afasta do acampamento e vai para um pátio externo. Lá, alguns velhos estão reunidos, conversando baixo e fumando. Junto à parede de blocos de cimento do ginásio há um longo banco de madeira. Na extremidade do banco está sentado um jovem, que parece ter uns 16 anos. O jovem tem a postura relaxada e olha para o nada. De tão sentado que está na ponta, parece que vai escorregar do banco.

Aproxima-se do garoto e se senta. O Sol começa a ficar forte, apesar da umidade do ar e das nuvens que preenchem o céu. O rapaz tem cabelos curtos e castanhos e veste uma camiseta branca que faz propaganda de uma feira de agronegócio da cidade.

“Oi, tudo bem?”

“Sim.”

“Meu nome é Marcelo. Qual que é o teu?”

“Arnaldo.”

“Tá quente, né?”

“Sim, tá bom.”

“Eu não gosto muito de sol, mas acho que é melhor do que a chuva que deu nesses dias...”

“É, acho que sim.”

“Tu tá abrigado aqui no ginásio?”

“Tô.”

“Deve tá sendo difícil.”

“Sim.”

“Tu tá com tua família?”

“Não. Um tio vem me encontrar daqui uns dias.”

“E tua mãe, teu pai?”

“Eles morreram.”

“Meu deus, meus pêames.”

“Tudo bem.”

“Tu tá sozinho aqui?”

“Tô.”

“Arnaldo, eu sou repórter, de Florianópolis. Tu te importaria de que eu contasse tua história no jornal?”

“Eu não quero.”

“Por quê?”

“Porque não.”

“Tudo bem, eu entendo. Mas a gente pode conversar mesmo assim?”

“O que tu quer saber?”

“Queria que tu me contasse como foi o tornado pra ti, o que aconteceu contigo quando a cidade tava sendo castigada.”

“Bem, eu tava exatamente nesse ginásio, jogando futebol. A gente treina depois da aula terça, quinta e sábado.”

“E tava tudo normal?”

“Tava. Sei lá, deu pra ver que o tempo tava fechando antes de a gente começar a treinar, mas não parecia nada diferente.”

“E quando tu percebeu que tinha alguma coisa de errado?”

“Ah, quando a gente tava jogando tava dando uns barulhos estranhos.”

“Estranhos como?”

“Não sei, tipo de placa de metal dobrando. Apareceu umas mulheres da secretaria falando pra fechar tudo que ia vir tempestade, mas a gente não deu muita bola.”

“Então tava normal pra ti.”

“Tava. Tanto que a gente jogou até o final do treino. O barulho tava alto, mas a gente não ligou muito.”

“Isso era que horas, mais ou menos?”

“Não sei direito, começo da noite, lá por umas 7.”

“E tu foi pra casa quando?”

“Eu fui depois do treino. O pessoal da secretaria veio falar pra gente que a coisa foi feia. Eu achei melhor tomar banho em casa. Saí com uns amigos e a gente se separou no meio do caminho. Quando a gente andava pela cidade deu pra perceber que alguma coisa de errado tinha acontecido. Tinha árvore no chão, casa destelhada, os bombeiros passando toda hora.”



“Imagino que tu deva ter ficado preocupado com tua família nesse momento.”

“Sim, eu fui andando mais rápido e de longe eu percebi que tinha algo errado.”

“O quê?”

“Olha, acho que tá bom. Não quero falar mais.”

“Quando tu chegou em casa tava tudo normal?”

“Não sei, não tava. Por que tu quer saber isso?”

“Contar tua história vai ajudar as outras pessoas a entenderem como está sendo difícil a recuperação pra todo mundo na cidade” - diz Marcelo quase não acreditando em si mesmo.

“Por quê? Não faz sentido contar. Tu só quer se aproveitar de mim.”

“Não tô. Mas me diz, tu perdeu teus pais. Deve estar sendo difícil pra ti.”

“Sim, tá. Por isso que eu não quero falar disso.”

“Falar ajuda.”

“Para mim não ajuda. E eu não quero que as pessoas sintam pena de mim.”

“Mas foi uma situação difícil. Perder os pais é muito sério.”

“Sim, eu sei. Eu perdi a Carol também, minha irmã. Ela tinha 9 anos.”

“Tu gostava da Carol?”

“É óbvio... Quando eu cheguei em casa, tudo tinha desabado. Só tinha escombros. Eu me aproximei e vi uma coisa saindo entre os pedaços de madeira.”

Arnaldo desvia o olhar para um parquinho infantil nos fundos do ginásio. Um gira-gira colorido se movimenta lentamente empurrado pelo vento.

“O que tu viu?”

“A Carol. O braço dela. Não tive coragem de me aproximar.”

“Desculpa ter que perguntar, mas tu teve que reconhecer os corpos?”

“Não. Meu tio tá vindo aqui pra resolver essas coisas.”

“E tu tá se sentindo como?”

“Eu não sei. Eu tô esperando meu tio chegar. Ele chega hoje de noite. Ele mora em Balneário.”

“Tu acha que tu vai te mudar pra lá?”

“Eu não sei. Por que tu faz tanta pergunta? Eu simplesmente não sei, caralho.”

“Desculpa... mas tu não tem mais nenhum parente aqui?”

“Não. Minha família é do litoral. Meu pai que decidiu vir pra cá.”

“Tu sente saudade deles?”

“Eu sinto que vou encontrar eles ainda. Acho que a ficha não caiu, sabe?”

“É normal numa situação assim. Depois que tu viu a casa destruída o que aconteceu?”

“Tinha um pessoal dos bombeiros ali por perto. Eu fui falar com eles. Eles me explicaram a situação. Eles cuidaram de mim e me levaram para o pessoal da assistência social. Eu dormi na casa de uma das funcionárias, mas tive que

ficar no sofá e tava ruim. No dia seguinte montaram o acampamento aqui no ginásio.”

“Teve alguma psicóloga que veio falar contigo?”

“Não. Só a Jana, a moça que me acolheu. Ela é assistente social, falou um pouco comigo. Ela deixou o telefone dela e disse que ia me ver hoje de novo, mas ainda não apareceu. Deve ter bastante gente precisando de ajuda também.”

“É verdade... olha só, eu preciso contar tua história para as pessoas. Elas precisam saber. Tu me permite transformar ela numa matéria?”

“Acho que sim, não sei.”

“Eu posso tirar uma foto tua?”

“Não, eu não gosto de foto.”

“Mas é pra reportagem.”

“Eu disse não.”

“Pensa que tem outras pessoas aqui que passaram por uma coisa parecida com o que tu passou. Tu tá representando elas. As pessoas de outros lugares do estado vão saber da coisa triste que vocês estão passando.”

“Tá, tá, mas não me enche mais o saco. Tô confiando em ti, hein.”

“Tu pode só confirmar uns dados comigo?”

“Quais?”

“Qual teu nome completo?”

“Arnaldo Freitas Silva.”

“Tu tem quantos anos?”

“15.”

“E os teus pais e tua irmã?”

“A mãe tinha 39, o pai eu não sei ao certo uns 50 e a Carol eu já te disse, 9.”

“Certo. Teu pai trabalhava com quê? Qual era o nome dele?”

“No frigorífico. Aldair Freitas era o nome dele.”

“E tua mãe era dona de casa?”

“Sim. Mas ela já trabalhou. Nome dela é Maria Freitas Silva.”

“Tu tem um telefone que eu possa entrar em contato contigo se precisar?”

“Tenho. É 98845-6030.”

“Arnaldo, muito obrigado. Eu espero que tu supere essa. Tenha força.”

“Tá bom, tá bom.”

“Até mais.”

“Até.”

Marcelo se levanta do banco e acena para Arnaldo. Faz o caminho de volta e entra novamente no ginásio. Encosta-se em uma das grades que dividem a quadra da arquibancada, pega o caderno azul marinho e escreve rapidamente as frases que Arnaldo falou. São quase rabiscos que ocupam metade de uma página de seu caderno. Uma frase, contudo, não lhe sai da cabeça, a de que ele estava se aproveitando da situação. Considera destacar a fala de quando ele viu o braço da irmã, mas acha que é demais. Escolhe o momento quando ele está na rua indo para casa e percebe a destruição em volta.

Marcelo sai do ginásio e começa a andar sem rumo pelas ruas. Sente que Arnaldo tem muito mais motivos para se matar do que ele. Chuta uma lata de refrigerante amassada e sente desprezo por si mesmo. Tenta se concentrar e reflete sobre qual passo deve tomar agora. Deveria, quem sabe, ligar para a secretaria de assistência social e falar com a tal de Jana. Mas sente uma aversão que não consegue explicar. Acha melhor voltar para o hotel e talvez comer alguma coisa. Já pode, quem sabe, esboçar um texto um pouco mais descritivo sobre a situação da cidade.

\*

Fugindo do sol forte que faz perto do meio-dia, decide parar no primeiro restaurante à quilo que encontra. Entra na fila, se serve e se senta em uma mesa. Apesar do prato farto, não sente fome. Afasta o arroz e os legumes, amassa a salada de maionese até que ela vire uma papa e joga um fio de azeite de oliva em cima. Não consegue imaginar o que é perder todos os parentes próximos. Sente-se egoísta por pensar em se matar. Termina de comer, deixando quase toda a comida no prato, e pega uma sobremesa, sagu com um caldo branco. Mexe nas bolinhas do sagu e observa as pessoas que entram e saem do buffet. Um homem magro, com camisa social branca, loiro dos poucos cabelos, passa na frente de sua mesa. Poderia ser ele, em um mundo paralelo. Volta a mexer no sagu, isolando uma das bolinhas no canto do recipiente.

Imagina se seria mais feliz sendo sua versão loira habitante de Xerém. Acha que não. Começa a sentir pena de si mesmo e, tendo repulsa desse sentimento, afasta o sagu de suas mãos. Levanta-se e paga a conta.

Sai do buffet e volta ao hotel. Sabe que precisa falar com o representante da Defesa Civil daqui a pouco. Deita-se na cama e observa o teto por alguns segundos. Levanta-se e começa a andar em círculos dentro do quarto. Vai até a janela e observa uma mulher passando roupas em outro prédio. Ela coloca bastante força no ferro de passar, como se precisasse esmagar as roupas para deixá-las bem passadas. Apesar de não ter o hábito, sente vontade de fumar. Marcelo olha o relógio do celular. Já teria que começar a sair para chegar a tempo para a entrevista. Lembra-se mais uma vez de Arnaldo. Afirma para si que a história está ali. Sabe que pode fazer melhor do que uma matéria padrão que dá voz apenas para as autoridades. Acha que o pessoal da redação vai reagir mal, mas é isso, ele precisa contar a história de Arnaldo.

Liga para a base da Defesa Civil e inventa uma desculpa para desmarcar a entrevista. Olha no relógio, são 14h25, logo tem a tarde inteira para começa a escrever. O melhor talvez seja reconstituir as horas nas quais Arnaldo vivenciou o desastre. Para isso, precisa falar com Jana, que acolheu ele, quem sabe procurar o bombeiro que o ajudou na hora e principalmente falar com seu tio, que deve chegar daqui a pouco na cidade.

Teve sorte por ter dois dias para se dedicar a essa matéria, graças ao aproveitamento da viagem que deve seguir para Schmidt no dia seguinte. Olha

mais uma vez para a janela que dá para os fundos do hotel. Um cachorro atravessa o pátio que serve de estacionamento. Ele se encolhe e começa a dormir, aproveitando o pouco de sol que bate. De repente, um cansaço toma conta de si. Decide tirar um cochilo para começar a trabalhar mais tarde. Fecha as cortinas da janela, afasta o edredom da cama e se tapa com a colcha. O blecaute dá a sensação de que é noite em plena tarde. Vira a cabeça para o lado e apaga.

\*

O barulho de um carro dobrando a esquina o faz despertar. Ergue levemente a cabeça e sente uma dor nos ombros. Afasta a colcha do corpo e se senta na cama. Sua cabeça dói também. Pega o celular e vê que são 19h45. Um pouco chateado com ter dormido mais do que deveria, esfrega uma das mãos na testa. Cambaleando, se levanta e vai até o interruptor acender a luz. O brilho da lâmpada fluorescente machuca seus olhos, então ele decide apagar a luz novamente. Alcança seu notebook e o liga só para que tenha uma fonte de luz pouco potente. Lembra-se do que precisa fazer. Busca o celular na cama, pega seu caderno azul e disca o número:

“Alô, Arnaldo?”

“Sim, quem fala?”

“É o Marcelo, o jornalista, lembra de mim?”

“Sim, claro.”

“Então, tô te ligando porque mudei um pouco de planos e pensei em fazer a matéria focada nas horas que tu vivenciou o desastre. Que que tu acha?”

“Não sei... a gente já tinha falado que eu não queria aparecer muito.”

“Sim, é verdade. Mas tenta me entender. Se eu contar a tua experiência, eu vou impactar muito mais as pessoas, porque tu passou por uma coisa bem séria.”

“É, sei lá, mas eu não tenho mais o que falar...”

“Tudo bem. Eu te liguei por um outro motivo. Eu queria falar com teu tio.”

“Ah, sim. Ele não tá aqui agora.”

“Tu pode deixar um recado pra ele?”

“Sim.”

“Qual o nome dele?”

“Manuel”.

“Fala pro Manuel se é possível de se encontrar comigo amanhã às 9 da manhã. Vocês estão hospedados em algum lugar?”

“Sim, no hotel Georges.”

“Hotel Georges, certo. Faz assim, se ele não puder, me manda uma mensagem. Senão, fica marcado no hall do hotel. Pode ser?”

“Pode sim.”

“Muito obrigado! Boa noite.”

“Boa noite.”



Marcelo desliga o celular e o coloca sobre o criado mudo. Sente preguiça de começar a trabalhar, mas sabe que é a depressão. Deita-se na cama e liga a TV. Zapeia os canais, mas não encontra nada que goste. Tem fome, mas não quer ligar para o serviço de quarto. Mesmo sem sono, fecha os olhos e fica parado por alguns instantes. Lembra do bilhete que escreveu na manhã de ontem. Abre os olhos novamente e encara as cortinas, que balançam levemente com o ar que entra pela fresta da janela.

## 4

Pego o controle das mãos de Otávio, que acabou de morrer. Me levanto do colchão e me sento na cama. Começo uma vida nova e vou passando pelas salas, matando uns monstros fáceis e desviando de tiros. Super Metroid tinha se tornado o meu jogo favorito, mas eu nunca tinha zerado ele. Por isso convidei o João e o Otávio pra uma maratona para fechar o jogo. O pai tinha viajado a trabalho e deixou um dinheiro para passar o domingo. Os dois entraram com mais uma grana e a gente pediu pizza e coca. Começamos de tarde e agora já era quase 1 da manhã, progredíamos muito lentamente.

Chego no chefão, que é um monstro que parece um pterodátilo. Ele tem um rabo pontudo que ataca o jogador verticalmente. Logo no começo, já morro.

“Tu é muito ruim cara, puta que o pariu” - diz João, “Deixa eu te mostrar como se faz.”

O jogo reinicia no mesmo chefão, que é derrotado com ligeira facilidade.

“Tô levando esse jogo nas costas. Já teria zerado se não fosse vocês, especialmente tu, Marcelo.”

“Não enche o saco, cara” - disse eu.

“Não enche o saco tu.”

Otávio pega um travesseiro e bate nas minhas costas.

“É! Não enche o saco, seu viadinho.”

“Vai te foder, deixa de ser criança, Otávio.”

João aperta o start e pausa o jogo.

“A criança aqui é tu, Marcelo” - diz João, “Levanta essa calça, deixa eu ver essas canelas lisas.”

“Não, sai!”

Otávio me pega de um lado, João de outro e os dois puxam para cima minha calça, revelando minhas canelas brancas e sem pelos. Tento me livrar deles, mas não consigo.

“Parece uma menina. E a voz também!”

“Beleza, vocês já mostraram o seu ponto, agora vamos voltar a jogar.”

“Eu não jogo com viadinho.”

“Para, cara!”

“Ih, a bichinha tá dando xilique!”

“Foda-se, façam o que vocês quiserem, então.”

Saio do quarto, sentido e sem saber como responder a essa encheção de saco. Sento na poltrona, no escuro e ouço os dois falando e voltando a jogar. De repente começo a me sentir mal. Sinto uma dor no peito. Por que eu tava reagindo dessa maneira? Eles já me zoaram não sei quantas vezes e eu nunca liguei. É claro que não ter pelo na perna ainda me deixa nervoso, mas como eu sou menor, acho que meu crescimento é mais lento.

Me levanto, abro a porta da sala e bato bem forte. Desço as escadas, saio do condomínio e começo a andar meio sem rumo. Só sei que tô indo pra um caminho que vai ficando mais deserto, com mais terrenos baldios do que casas ou prédios. Não tem nenhum barulho na rua. Lá longe vejo um motoqueiro, parado numa esquina deserta. Ele tá fumando, deve ser maconha. Vou em direção a ele, mas quando começo a me aproximar, ele dá a partida na moto e sai dali. Acho que ele tava com mais medo de mim do que eu dele. Sem saber pra onde ir, decido parar por ali mesmo. Tem uma mureta, sento nela e na minha frente tem um terreno baldio. Uma bicicleta velha e estragada tá jogada no chão. Choveu no começo da noite e o mato tá molhado. Me levanto e vou até a bicicleta, giro a roda dela, que começa a se mexer toda torta e frouxa. Começa um barulho de cigarra e eu olho em volta. Não tem um movimento. Isso me dá um pouco de medo, talvez seja melhor eu sair daqui, mas eu não quero voltar pra lá. Eu quero ficar sozinho, fodam-se eles, foda-se essa merda toda. Já faz um tempo que não tô mais aguentando o João.

De longe, vejo que alguém vem vindo em minha direção. No começo, não consigo identificar quem é. Ele começa a correr e aí vejo que é João. Eu me sento de volta na mureta e espero ele chegar, mas minha vontade era de sair dali.

“Tu tá maluco, por que tu veio tão longe?” - diz João, “A gente ficou preocupado. O Otávio foi pro outro lado.”

“Eu quis andar um pouco.”

“Porra, a gente só tava brincando, não dá pra ficar tão puto assim por pouca coisa.”

“Eu não fiquei puto.”

“Ah, tá bom, tu tava fazendo um fiasco.”

“Escuta, não enche o saco, cara, tu anda chato pra caralho, só me enchendo a paciência.”

“Eu não. Tu é que tá estranho.”

“Tu que tá.”

“Enfim, que seja. Eu não sei se a gente ainda é melhor amigo, pra falar a real. Eu até estranhei quando tu me convidou pra vir aqui jogar o Metroid. O que tá acontecendo contigo?”

“Nada, oras. Tu é que ficou mais próximo do Otávio, desde que ele chegou no colégio.”

“Tás com ciuminho do Otávio, então?”

“Não, nada a ver.”

“Então porque tu anda me ignorando, ficando sozinho no recreio.”

“Sei lá. Às vezes não tenho vontade de falar com ninguém.”

“Ih, que esquisito. Tu não era assim.”

“As pessoas mudam.”

“Tô vendo.”

“Sei lá, cara. Acho que é melhor tu ir pra tua casa. O Otávio também.”

“A uma da manhã? Não tem mais ônibus pro Monte Verde nesse horário.”

“É mesmo, saco. OK, dorme lá em casa, fazer o quê.”

“Anda, vamos voltar, a gente tem que zerar o jogo ainda nessa madrugada porque amanhã tem que entregar a fita.”

“Não tô mais afim.”

“Tu tá exagerando. Eu prometo que não brinco mais sobre tu ser viadinho.”

“Não é isso, eu não me importo.”

“O que é, então?”

“Sei lá, não sei explicar. Não tô afim de falar. Vamo embora.”

Caminhamos de volta para o condomínio e encontramos Otávio sentado na calçada, chutando umas pedras.

“Orra, que demora.” - diz Otávio.

“Foi mal.” - diz João.

“Vamo jogar?”

“Eu não tô muito afim. Joguem vocês.” - disse eu.

“Ah, Marcelo, o que que tu quer? Que a gente ajoelhe e beije teus pés. Foi só uma brincadeira, cara.” - diz Otávio.

Não respondo. Dou um aceno pro vigia, que faz cara de que não tá gostando do fato de a gente ter saído a essa hora do condomínio. Subimos as escadas em silêncio, entramos de volta no apartamento. Entro no meu quarto e percebendo que não teria como dormir enquanto eles continuavam a jogar, decido pegar meu travesseiro e ir dormir no quarto do pai.

“Eu vou acordar tarde. Amanhã quando vocês saírem podem deixar a porta encostada.”

“Tá bom.”

Entro no quarto do pai, que está uma bagunça. Me deito na cama e me viro por alguns minutos. Não consigo dormir. Ouço o barulho de botões de controle sendo apertados, cama de madeira rangendo e palmas isoladas no silêncio da madrugada. Vou até a janela do quarto do pai e abro ela. Consigo ver o conjunto de casas e de condomínios que parecem caixas de fósforo ocupando todo o terreno que vai da Trindade até a Beira-mar. Me inclino na janela e dou um cuspe, que cai numa vaga de carro vazia. O relógio na cabeceira da cama marca 3:57 e os dois apagam a luz do meu quarto. Acho que desistiram. Deito de volta na cama, de barriga pra cima e espero o sono vir. Mas por algum motivo, não chega nunca e amanheço deitado na cama dura do pai. São 9 horas mais ou menos e ouço os dois se arrumando no meu quarto e abrindo a porta do apartamento para ir embora. O pai só chega hoje de noite e ainda me sinto esquisito. Passo uma manhã preguiçosa e estranha. As coisas parecem ter mudado, apesar de estarem iguais. Chega a hora de ir para o colégio, mas eu não tenho meu uniforme colocado e não sei onde tá minha pasta. A verdade é que não quero ir. Eles não vão sentir falta de mim. Vou pro meu quarto fecho a janela, deixo o ambiente escuro e, com o travesseiro em cima da minha cara, finalmente durmo. Acordo com o barulho do pai chegando em casa. Levanto

rápido e tranco a minha porta. Tem a desculpa que já é tarde, mas a verdade é que preciso ficar um pouco mais sozinho. Não sei até quando.



Marcelo entra apressado no hotel Georges. Varre com os olhos o hall, e se dá conta de que não sabe como se Manuel aparenta. Uma faxineira limpa o vidro do aquário que divide o ambiente em duas partes. De um lado, fica a recepção do hotel, com um sofá em forma de L e uma mesa de centro com jornais espalhados. Do outro lado do aquário, há um bar, que no momento está fechado.

Senta-se no sofá e espera por 5 minutos. De repente, um homem para no meio do hall e fica olhando para o movimento em volta. Ele usa uma camisa polo branca e tem os cabelos acinzentados e curtos. Marcelo se aproxima e pergunta se ele é Manuel. O homem confirma e eles se cumprimentam.

“O que tu acha de a gente sentar no bar? Ali é mais reservado.” - diz Marcelo.

“Tá meio escuro, mas pode ser.”

Os dois se sentam. Marcelo tateia a mesa de madeira cor de tabaco, enquanto Manuel observa a piscina com tartarugas que fica do lado de fora do prédio.

“Bom, primeiro eu queria te agradecer por me receber e queria dizer que sinto muito pela perda dos teus parentes.”

“Obrigado.”

“Talvez o Arnaldo já tenha adiantado alguma coisa, mas eu tô fazendo uma matéria sobre os dias depois do desastre daqui. Antes, eu tinha pensado em fazer uma matéria mais tradicional falando com a prefeitura e Defesa Civil, mas aí eu falei com teu sobrinho e o relato dele mexeu comigo, então tomei a decisão de fazer a matéria focado nele.”

“Sim.”

“Como o Arnaldo não tem ainda a maioridade, eu preciso de uma autorização tua. Ao mesmo tempo, eu queria que tu me contasse um pouco sobre ele. Como ele é e como era o Aldair, a Maria e a Carol.”

“Certo.”

“Provavelmente eu não vou usar frases tuas para escrever a reportagem. Mas eu sinto que preciso conhecer melhor o Arnaldo para contar essa história.”

“Olha, Marcelo, né?”

“Isso.”

“Eu ouvi tudo o que tu queria dizer, mas a verdade é que não acho uma boa ideia o Marcelo se expor assim.”

“Mas...”

“A gente tá passando por um momento muito complicado. Eu fiz uma viagem longa de carro e, sei lá... tô tentando entender ainda o que tá acontecendo. Eu imagino que você deva ser um jornalista competente, mas a gente já tá enfrentando uma parada muito dura, sabe?”

“Entendo. Mas de forma alguma eu quero expor o Arnaldo. É a história que me interessa. E é veículo impresso. Nem foto do Arnaldo vai ter, porque ele me falou que se sente desconfortável com isso.”

“Sim, mas acho que o Arnaldo não tem noção, nem condições no momento para participar disso.”

“Eu respeito teu desejo, mas eu queria que tu confiasse em mim. Essa matéria é importante para mim, pessoalmente.”

“Por quê?”

“Eu não sei explicar, mas fiquei muito mexido com a conversa que tive com ele. Eu fazendo isso por mim, não pelo jornal. E pensa que a matéria pode ser uma espécie de homenagem pro Aldair, pra Maria e pra Carol.”

“Sim, mas ainda assim...”

“Confia em mim, por favor. Vamos fazer assim. Eu escrevo a matéria e te envio antes de enviar pro meu editor. Se tu não concordar com a publicação eu jogo fora.”

“Tá... pode ser, acho.”

“Ótimo. Posso te fazer umas perguntas sobre o Arnaldo?”

“Sim.”

“Você se importa de eu gravar?”

“Não.”

“Tu considera ele um menino normal pra idade dele? Como ele é com os garotos da sua idade?”

“Olha, o Arnaldo é um menino especial. Quando era pequeno, o Aldair e a Maria pensaram que ele pudesse ter autismo. Ele sempre foi muito quieto, sabe?”

“Sim.”

“É como se vivesse no num mundo próprio. Mas depois de ele passar por alguns médicos descobriram que era só o jeito dele mesmo.”

“Mas ainda assim ele joga futebol no colégio...”

“Sim. Eu não vivi o cotidiano deles, mas pelo que me contavam a vinda para Xerém foi boa pra ele. E tudo graças ao futebol. Ele é muito bom no futebol e com isso ele conseguiu fazer amizades e ser um menino mais normal.”

“Sim, ele me falou que estavam treinando para um campeonato.”

“Pois é, dá gosto de ver ele jogar. Tem a ver com esse jeito dele... concentrado. Ele não é um craque óbvio, não faz firula. Tem um chute e um passe muito precisos.”

“Eu não imaginava que ele era assim. Mas me diz... como era a relação dele com os pais?”

“Como te disse, não posso ter certeza por que não vivia o cotidiano deles. Mas do que eu podia notar sempre teve o estranhamento de ele ser muito calado, de não demonstrar afeto. Especialmente com o pai. A mãe, talvez, fosse a figura que ele tivesse mais conexão.”

“Ele me falou da Carol, que gostava muito da Carol.”

“Sim, ele tinha uma relação de proteção com ela. Fazia bem o papel de irmão mais velho.”

“E o que vai acontecer agora? Você vai levar ele para morar contigo?”

“Sim, é a única solução. Não tem mais ninguém da família aqui. Não vai ser fácil. Eu sou separado, trabalho o dia todo, ele vai ter que se virar um pouco sozinho e a gente vai ter que superar a perda deles. Eu não sei te dizer o que vai acontecer ainda.”

“Pois é, imagino que vai ser uma adaptação.”

“É uma pena, sabe? Eles estavam num momento bom. O Arnaldo se enturmando no colégio, o mano tinha subido de posto recentemente também. Eles pareciam felizes. Tinham passado uma semana lá em casa nas férias para aproveitar a praia. É complicado...”

“Sinto muito... acho que já tá bom. Te agradeço muito por ter falado comigo e por ter aceitado que eu faça a matéria. Eu só preciso que tu assine este documento autorizando a participação do Arnaldo na matéria.”

Manuel puxa o papel para si e preenche seus dados. Assina e afasta o papel cuidadosamente em direção a Marcelo. Os dois se levantam e observam o aquário por alguns segundos. No meio da água turva um peixe de aspecto pré-histórico nada em direção à parede de vidro e depois some. Os dois homens se cumprimentam mais uma vez e Marcelo deixa o hotel.

Marcelo abre a porta do quarto e se senta na cama. Gira os pulsos, os tornozelos e o pescoço. Olha no relógio, são quase 11 da manhã. Em um quarto não muito distante, alguém usa o aspirador de pó. Seu celular vibra: um novo e-mail chegou. Vai até o notebook e lê a mensagem:

“Oi. Tua vida não é chata, tu sabe disso. Sim, eu continuo trabalhando no shopping, tu fala como se fosse fácil conseguir um emprego. Eu tenho vontade de largar tudo, mas o que que eu posso fazer? Eu não lembro de a gente ter passado por Xerém naquela viagem... enfim... olha, não sei se é uma boa ideia a gente se falar. Eu espero que tu estejas bem e tal, mas não vejo sentido. Até.”

Marcelo tensiona as mãos para escrever uma mensagem, mas desiste. Levanta-se e vai até a janelinha do quarto. Estica-se para tentar ver a rua da frente, mas não consegue, pois uma parede do próprio prédio do hotel tampa a visão. Volta para o notebook, abre alguns sites e descobre o endereço do Corpo de Bombeiros na cidade.

\*

“Oi, boa tarde.”

“Boa tarde.”

“Meu nome é Marcelo, eu sou jornalista, preciso de uma informação.”

“Pois não?”

“No dia do tornado vocês atenderam a um garoto. O nome dele é Arnaldo. Os pais dele faleceram no desastre. Eu queria falar com o bombeiro que acolheu ele.”

“Você sabe quem é?”

“Não.”

“Um momento senhor.”

A mulher, vestida com o uniforme azul dos bombeiros pega o telefone e disca um ramal

“Sargento, o senhor pode atender um jornalista? Não, ele só quer saber quem resgatou um menino chamado Arnaldo? Sim? Sim. Tá bom, obrigado.”

Ela pousa o telefone no aparelho e bate com a caneta no tampo da mesa.

“Senhor, quem atendeu o Arnaldo foi o cabo Roberto Santos, mas ele não se encontra no momento.”

“Ah é? E onde ele tá?”

“Ele está atendendo um chamado. Praticamente todos os nossos homens estão fora auxiliando com os entulhos.”

“Entendo. E tem previsão para a volta do cabo?”

“Não.”

“E onde ele tá agora?”

“Não sei se posso dar essa informação. Ele está em serviço.”

“Calma, eu só vou fazer umas perguntas para ele, vai demorar 2 minutos, não é nada sério. É para a matéria que estou fazendo sobre o Arnaldo.”

“Certo... ele está atendendo uma ocorrência na rua Almirante Brenner, 251.”

“Marcelo anota o nome da rua em um pedaço de papel.”

“Muito obrigado.”

\*

Fazendo o caminho de volta para o hotel, Marcelo tem a ideia de ganhar tempo e começa a procurar pelo celular o número da secretaria de assistência social de Xerém. Sem querer, esbarra em uma senhora que passa por ele. Pede desculpas e decide sentar no degrau de uma casa até terminar a tarefa.

“Assistência social, boa tarde.”

“Boa tarde, meu nome é Marcelo, sou jornalista do Diário da Manhã, de Florianópolis, ontem eu fiz uma entrevista com o senhor Antônio sobre a situação do município.”

“Certo.”

“Acho que a gente não se falou antes, qual seu nome?”

“Adriana.”

“Adriana, eu estou cobrindo a história de um menino chamado Arnaldo, ele perdeu os pais e passou a noite na casa de uma das funcionárias de vocês, eu só tenho o primeiro nome dela, é Jana.”

“Sim.”



“Eu gostaria de falar com ela.”

“Só um instante.”

“Alô?”

“Alô, é a Jana?”

“Isso. A Adriana me explicou. Você quer falar sobre o Arnaldo.”

“Isso. Eu falei com ele, com o tio dele, que chegou ontem e vou falar com o cabo Roberto Santos, que cuidou dele nas primeiras horas depois do desastre. Eu queria saber de ti, se for possível, como é que foram esses momentos em que tu acolheu o Arnaldo.”

“Entendi. Olha, foi meio difícil. Eu nunca tinha passado por uma situação desse tipo, acho que ninguém aqui tinha. Eu geralmente cuido da população mais vulnerável e o que eu encontrei ali foi um menino completamente em choque. O Arnaldo não falava nada.”

“Entendo.”

“Foi uma noite muito difícil, meu telefone não parava de tocar, mas depois que eu entendi o que aconteceu com ele, eu vi que não poderia deixar ele sozinho. Então que que eu fiz? Levei ele para a reunião que tivemos na prefeitura e na organização do ginásio.”

“E depois tu levou ele para tua casa.”

“Sim. Ele parecia com medo. Estava bem suado. Falei para ele tomar banho e ele ficou parado. Eu acabei dando banho nele. Foi uma situação um pouco esquisita, mas eu vi que ele não tava normal.”

“Ele não falava nada?”

“Não. Eu esquentei uma janta e ele não comeu. Ele não fazia nada. Mas não é como se ele estivesse catatônico. É difícil de explicar, mas tinha uma tensão no corpo dele, entende?”

“Acho que sim. O tio dele me falou que é um pouco como se ele fosse autista. Com o choque da situação, então...”

“Pois é... eu não dormi a noite inteira, nem ele. Em um momento da noite eu fui pra sala, ele tava sentado no sofá. E aí ele começou a falar.”

“O que ele disse?”

“Falou da Carol. Que ele viu o braço da Carol. Eu perguntei quem era a Carol, mas ele não respondeu. Eu perguntei se ele tinha algum parente. Ele falou do tio. Eu peguei o celular dele e descobri o número. Era 2 da manhã, mas mesmo assim liguei. Ele falou que iria no dia seguinte pra cá. Depois o Arnaldo falou que não queria dormir na minha casa e daí não falou mais nada. No dia seguinte eu me despedi dele e deixei com o pessoal do abrigo no ginásio.”

“Certo.”

“Ontem eu passei lá de noite. O tio não tinha chegado ainda. Olha... me sinto um pouco culpada de não ter dado a atenção devida... mas aqui tá uma loucura.”

“Eu imagino, e eu não estou te cobrando de nada, só quero entender melhor esses momentos em que ele passou depois que viu a casa destruída.”

“Sim, sim. É isso que eu tenho pra te dizer.”

“Tá bom. Eu te agradeço muito, Jana.”

“Por nada. Qualquer coisa estou à disposição. Um abraço.”

“Até.”

\*

Marcelo chega aos restos de uma casa onde há uma camionete do Corpo de Bombeiros estacionada na frente. Um grupo de 8 pessoas mexe nos entulhos . Um bombeiro, que carrega a moldura de uma janela se aproxima da caçamba e a deposita no automóvel.

“O senhor é o cabo Roberto?”

“Não, não, é ele lá.”

“Tá bom, obrigado.”

Marcelo se desloca até onde está o outro homem com uniforme azul marinho do Corpo de Bombeiros. As pessoas usam luvas grossas e param de trabalhar quando Marcelo se aproxima dos entulhos.

“Cabo Roberto Santos?”

“Sim?”

“Oi, meu nome é Marcelo. Eu sou repórter. Não sei se alguém do batalhão te adiantou...”

“Não.”

“Então, eu estou fazendo uma reportagem sobre o Arnaldo, o menino que você acolheu no desastre.”

“Eu não acolhi, ele, exatamente. Eu só orientei. Ele parecia perturbado, e com toda a razão, no momento em que viu a casa da família completamente destruída.”

“Certo, me desculpa. Mas eu queria que tu me falasse justamente isso... como ele tava quando tu encontrou ele.”

“Olha, eu não posso demorar muito.” - disse ele apontando para os entulhos perto dos seus pés.

“Sim, eu entendo, mas vai ser rápido, coisa de dois minutos.”

“Tá bom. Bem, eu tava com a camionete parada na esquina da rua, a gente ia tentar remover uma árvore que caiu e puxou os cabos de energia... quando de repente vi esse garoto parado no escuro, encarando os restos da casa.”

“E o senhor então foi lá ver se tava tudo bem com ele.”

“Sim. Eu lembro que toquei no ombro dele mas ele não virou. Eu toquei mais uma vez e aí ele me olhou com um olhar morto. Eu perguntei se tava tudo bem com ele, mas ele não respondeu. Eu perguntei pelo nome dele, ele não respondeu também. Parecia em choque. Depois falou, sem eu perguntar. ‘Arnaldo. A minha família...’. Com isso eu entendi o que tinha acontecido. Eu liguei então para o pessoal da assistência social e levei ele para a camionete.”

“E ele ficou lá até chegar a Jana?”

“Isso. A Jana chegou de carro, agradeceu e levou ele.”

“E tu não falou mais com ele?”

“Não. Imagina a situação. Tava um caos, ocorrência para todo o lado. A gente parou de remover a árvore e começamos a procurar se tinha alguém vivo na casa do Arnaldo. Achamos 3 corpos depois que ele saiu com a Jana.”

“Entendo. Olha, acho que já tá bom. Te agradeço muito, cabo Roberto.”

“De nada. Tá tudo bem com o Arnaldo?”

“Na medida do possível. O tio dele tá aqui. Ele passou a noite anterior no ginásio. Ele até está falando bastante agora, ao contrário do dia da tempestade. A história dele é triste, mas acho que resume bem o que aconteceu por aqui.”

“É verdade, mas bem vou voltar ao trabalho aqui.”

“Tá certo. Até mais.”

Marcelo se afasta. Encosta-se na camionete vermelha do Corpo de Bombeiros, camionete que provavelmente Arnaldo esperou por algum tempo até a chegada de Jana. Enquanto anota no caderninho azul as principais frases que lembra do cabo Roberto, olha através do vidro para o interior do carro. Não nota nada de particular, mas consegue imaginar Arnaldo ali dentro. De repente, se lembra do bilhete e de como estava se sentindo anteontem. Percebe que as tarefas a serem realizadas em Xerém, que o texto, que a história de Arnaldo, não são mais do que distrações do que realmente está acontecendo. Vira as páginas do caderninho até achar o bilhete. Relê com angústia. Fecha o caderninho e começa a volta para o centro da cidade.

O café chega a mesa e Marcelo agradece. A garçonete faz um aceno com a cabeça e dá meia volta. Marcelo volta a atenção para o computador, onde relê a transcrição da conversa com Manuel e as anotações da conversa com Jana e com cabo Roberto. Abre um outro documento e copia dele as anotações feitas na conversa com Arnaldo. Aperta enter algumas vezes e encara o cursor piscar no vazio branco da página. Passa a mão sobre as teclas do computador, como se as acariciasse. Tem que começar pelo óbvio, fazer um esboço do lide. Respira fundo e começa a jogar palavras pouco pensadas na tela. Tem uma primeira versão:

“O tornado do 26 de março castigou muitas famílias em Xerém. Uma delas foi a de Arnaldo Freitas Silva, 15, que perdeu os pais, Aldair e Maria, e a irmã Carolina na tempestade. Arnaldo voltava de um treino de futebol da escola quando se deparou com os restos de sua casa. O garoto passou a noite na casa da assistente social Jana Moreira e no dia seguinte foi transferido para o abrigo instalado no ginásio da cidade. Além da família de Arnaldo, mais 6 pessoas morreram por decorrência do tornado de Xerém.”

Marcelo lê e relê o lide. Sabe que não está bom. Sente-se sem cabeça para se concentrar. Apaga o que escreveu e encara mais uma vez a página em branco. Fecha o notebook e decide sair dali.

O box da TV à cabo marca que são 16:05. Marcelo coloca o notebook sobre a escrivaninha e se deita por um momento na cama. Olha para o teto enquanto sente sua respiração diminuir de frequência. Puxa a camiseta para cima e alisa a barriga. De repente, o celular vibra. É uma mensagem de Jair, perguntando se está tudo certo para que o texto seja enviado até às 19h30. Ele lê o texto, mas não deixa o aplicativo mostrar que ele visualizou a mensagem. Retorna à posição que estava e observa o relógio da TV mudar de 16:17 para 16:18.

Levanta-se, arrasta os pés pelo carpete do quarto e vai até a janela. Como era de se esperar, não há nada para ver ali. Uma pessoa passa pela janela do prédio a frente, mas ele não consegue discernir se é um homem ou uma mulher. Coça o couro cabeludo e acumula uma pequena massa de caspa entre as unhas. Limpa a mão e se aproxima do notebook.

Abre a tampa do notebook e se senta. Encara mais uma vez a página em branco. Fala para si mesmo: não pense, escreva. Pousa os dedos sobre as teclas e digita a palavra “Arnaldo”. Seleciona a palavra e aumenta a fonte do texto, a ponto de ela ocupar a página inteira. Apaga a palavra e bota as mãos na cabeça. Pega o celular e responde para Jair: “Tem como atrasar a entrega?”

Vai nas configurações do editor de texto e recupera o arquivo salvo algumas horas atrás, podendo assim retomar o parágrafo que decidiu deletar. Começa a mexer nele. Chega a uma nova versão:

“O tornado do 26 de maio castigou muitas famílias em Xerém, no oeste do estado. Uma delas foi a de Arnaldo Freitas Silva, um garoto de 15 anos que perdeu os pais e a irmã na tempestade. Arnaldo voltava de um treino de futebol da escola quando se deparou com os escombros de sua casa. Além da família de Arnaldo, outras 6 pessoas morreram por conta do tornado de Xerém”

Marcelo tira as mãos do teclado. Como se brigasse consigo mesmo faz um gesto negativo e esquivo com a cabeça. Por que está dando tanta importância para esse lide? Por que não escreve e pronto? Seu celular vibra e ele olha a mensagem de Jair: “Não, o prazo é 19h30”.

Deixa o parágrafo de lado e abre uma nova página no editor de texto. Escreve os nomes de Arnaldo, Jana, cabo Roberto e Manuel. Escreve tópicos com as informações dadas por cada fonte. Ordena primeiro as informações que acha mais importante. Agora consegue imaginar a estrutura do texto. Mesmo assim, para. Sente que está fazendo algo errado, mas não sabe explicar bem o quê. Sente que está traindo Arnaldo. Afasta-se do notebook e fica em pé, entre a cama e o banheiro. Acende a luz do banheiro, lava o rosto, se olha no espelho. Sente as gotas de água escorrerem pelo rosto.

\*

“Alô?”



“Alô.”

“Quem é?”

“Sou eu, Arnaldo.”

“Eu quem?”

“O Marcelo.”

“Hum. Tu quer me perguntar alguma coisa?”

“Sim.”

“O que é?”

“É... como estão as coisas?”

“Tão bem, acho.”

“Tu tá indo embora da cidade?”

“A gente vai ficar uma semana ainda.”

“Entendi.”

“Pois é.”

“Sabe o que é?”

“O quê?”

“Como tu consegue?”

“Consegue o quê?”

“Estar assim, normal. Tua família foi embora...”

“Sim, eu tô triste.”

“Eu imagino que tu esteja, mas tu tá levando numa boa, até.”

“É acho que sim.”

“Arnaldo...”

“Fale.”

“Tu acha que a matéria vai ser uma coisa ruim pra ti?”

“Acho que não.”

“Tu sabe que eu não vou conseguir representar exatamente o que aconteceu contigo, não é?”

“Não sei. Tu vai mentir?”

“Não, não é isso.”

“O que, então?”

“Ah, deixa pra lá. É besteira minha.”

“Tá bom. Eu preciso desligar, meu tio tá chamando.”

“Tá bom. Fica bem.”

“Até.”

“Tchau.”

\*

Sente-se sem cabeça. Fecha o notebook, bota um casaco e sai do quarto. Deixa sua chave na recepção e sai do hotel. Um senhor toma chimarrão na frente de sua casa e eles trocam um breve olhar. Uma mulher recolhe as roupas do varal e tira o suor da testa. Olha no relógio do celular, são 18:23. Sente que

precisa fazer alguma coisa. O telefone toca. É Jair, mas ele não atende. O telefone toca novamente, e, sem saída, ele atende:

“Alô?”

“Porra, por que que tu não atende essa merda?”

“Calma, eu tava ocupado.”

“Ocupado com quê? Cara, a gente vai fechar o jornal às sete e meia. Tua matéria tá pronta?”

“Ainda não. Mas eu vou mandar.”

“Tu consegue me mandar no máximo daqui a uma hora?”

“Consigo.”

“Então beleza, tô esperando.”

“Pode deixar, falou.”

“Falou.”

Guarda o celular no bolso e segue em direção ao centro. O sol começa a se pôr. Decide parar e se encostar. As pontas do muro salpicado apertam suas costas. Com uma das mãos, esfrega a testa e, de olhos fechados, mentaliza a matéria escrita. Visualiza à distância o texto, mas não consegue ler as palavras. Imagina Arnaldo se escondendo atrás do tio, com uma bola na mão. Abre os olhos e um desânimo toma conta de si. Não é ingênuo a ponto de achar que sua matéria deveria ser um registro fiel da realidade, mas mesmo assim se sente culpado. Arnaldo está sozinho no mundo, como ele. Sabe que não faz sentido escrever a matéria. Ela nunca vai dizer o que precisa ser dito, ainda mais em

linguagem jornalística. Desencosta-se do muro. Pega o telefone e disca o número da redação:

“Jair, é o seguinte, eu não escrevi a matéria.”

“Como assim? Caralho, tu me falou que ela ficaria pronta em uma hora.”

“Eu menti. Não consegui fazer. Te peço desculpas.”

“Porra, Marcelo, como assim? Entrega amanhã, então, cara.”

“Não, eu não vou entregar.”

“Como é que é?”

“Olha, não consigo explicar direito. Eu fiz a apuração toda, mas na hora de sentar para escrever não tá rolando.”

“Mas é uma matéria simples, tu já fez isso um milhão de vezes.”

“Na verdade eu tava fazendo uma coisa diferente. Eu conheci um personagem, um menino que perdeu a família toda. Eu ia fazer a matéria em torno dele, mas não consegui.”

“Que merda, hein. Que falta de profissionalismo do caralho. Quando tu voltar pra cá a gente vai ter que conversar. Agora pega esse ônibus e vai pra Schmidt e pelo menos me entrega essa de amanhã.”

“Tá bom, desculpa, cara.”

“Tchau.”

\*

Marcelo está parado, apoiado no muro vendo Arnaldo jogar bola sozinho. O menino treina embaixadinhas, dribles e chuta com força em direção ao muro, para que a bola volte redonda a seus pés. Um desses chutes sai bastante torto e a bola bate no rosto de Marcelo. A batida dói e ele percebe que começa a sair sangue pelo nariz. Arnaldo some dali e Marcelo vai a procura de um banheiro. Pergunta para uma mulher, para um senhor, para um guarda, mas ninguém sabe de um. De repente, vê Vanessa, sua ex-namorada. Explica que Arnaldo bateu com a bola em seu rosto. Tem a camisa já empapada de sangue. Vanessa pede para que ele tire a camisa e se deite no chão. Ela pega uma pá e começa a jogar terra em cima do corpo de Marcelo, que, chorando, aceita resignado a situação.

Um carro passa e o som dos pneus derrapando ecoa pela rua. Marcelo acorda. Não sabe onde está. As cortinas balançam levemente e ele vê um pedaço do topo dos prédios. Lembra que está em Xerém. Pega o celular e olha o horário, são 21h47. Vê a mensagem não lida, é de Jair. Lê rapidamente o bloco de texto enviado que diz que eles precisam conversar quando ele voltar. Resignado, ele se levanta e começa a organizar suas coisas para viajar. Não trouxe muitas roupas e todas vão ficar amassadas porque ele está sem paciência para colocá-las de maneira correta dentro da mochila. Pega o telefone e liga para a rodoviária. Ainda há vários assentos para o ônibus que vai para Schmidt. Termina de juntar suas coisas, apaga a luz do apartamento e

dá uma última olhada para dentro. O box da TV à cabo pisca e muda a hora para 22h16. Fecha a porta.

Acerta a conta no saguão do hotel e pede um táxi. Passa alguns minutos esperando a chegada do carro. Assiste a TV da sala de espera do hotel enquanto isso. No mudo, Marcelo vê cenas de Xerém destruída e a entrevista de uma senhora de meia idade, que chora depois de falar com o repórter.

\*

Marcelo olha o celular e vê que ainda faltam 20 minutos para o ônibus sair. Compra rapidamente sua passagem e vai ao banheiro. Coloca 50 centavos na catraca e para na frente do mictório. Não consegue mijar. Não sabe direito porque decidiu entrar no banheiro. O ambiente é claro porque a luz das lâmpadas fluorescentes refletem no azulejos brancos. O cheiro é uma mistura leve de mofo com urina. Ele se olha no espelho por alguns segundos. Arruma o cabelo, da mesma maneira compulsiva que faz quando está nervoso, colocando a mão em cima da testa e puxando o cabelo todo para trás. Lava a mão com água e sabonete líquido. Sai do banheiro e ouve o barulho de gotas de chuva batendo no telhado do terminal.

Apesar de faltar algum tempo, sobe no ônibus. O veículo está vazio e o ar condicionado está ligado. Senta na sua poltrona e é tomado pela melancolia que normalmente sente quando encosta a cabeça na janela dos ônibus em

viagem. Não consegue ver muita coisa dela. Apenas um ônibus ao lado com o porta-malas aberto. O motorista checa os documentos dos passageiros e faz os cálculos para que todas as malas caibam no compartimento. Marcelo pega o caderninho do bolso e escolhe uma página em branco. Usando a janela úmida de apoio escreve: “Depois do fim existe o nada e depois do nada o fim do eu.”

O ônibus começa a dar ré e ele toma um susto. O veículo atravessa as ruas vazias de Xerém até chegar à rodovia estadual. Sem perceber, Marcelo dorme ocupando as duas poltronas da fileira.

## 6

Percorremos a rodovia que liga o centro ao sul da ilha. Meu pai dirige sua DT azul e me seguro como posso nos pegadores de trás da moto. Faz calor e o capacete preto esmaga o meu rosto. Ao meu lado, vejo o mar batendo e espirrando em pedras que me lembram alguma época pré-histórica. Volto para os tempos de hoje quando vejo uma carrocinha vendendo milho e caldo de cana entre os carros estacionados no bolsão que dá de frente para o mar. Em cima das nossas cabeças há galhos de árvores enormes cheios de barba de velho, dando um tom gótico para um local que é o oposto disso.

“Vamos subir no convento para olhar a vista.” - disse eu.

“Não, na volta a gente faz isso, quero chegar logo, daqui a pouco escurece.”

Avançamos mais na rodovia até entrarmos em uma estrada de chão à direita, que é o começo do Sertão do Peri. A subida é íngreme e eu quase caio da moto. O pai só ri, enquanto manobra entre os pedregulhos tendo que muitas vezes botar o pé no chão para se equilibrar.

Finalmente chegamos no começo da trilha. O pai tranca a moto e começamos a caminhada que fazemos todo dia 17 de janeiro, quando o senhor Roberto comemora seu aniversário ao lado do filho com um acampamento e pescaria na Lagoa do Peri.



Atrás do pai, atravesso um riacho pulando em pedras. Na última, meu pé escorrega e enterro minha perna quase até o joelho dentro da água.

“Tanso. Tu trouxe outra meia, pelo menos?” - diz meu pai.

“Não. Tu me empresta?”

“Eu não trouxe também. A gente bota pra seca quando fizer o fogo.”

Chegamos numa área não muito íngreme e com bastante espaço entre as árvores, lugar onde mais ou menos a gente sempre acampa. Desmontamos a barraca, fazemos fogo e eu boto minha meia e meu tênis pendurados em galhos que deixo perto da fogueira.

“A gente tem uma horinha antes de escurecer. O que tu acha de a gente matar uns robalos já hoje?”

“Pode ser, pai, mas tu trouxe repelente? Esse horário entre tarde e noite é foda.”

“Tu pensa que tá falando com um amador? Pega ali na minha bolsa.”

Caminhamos durante uns 5 minutos entre árvores de troncos finos e retorcidos. Coloquei uma sacola plástica no meu pé sem tênis para evitar que eu me suje muito, pareço ridículo. Chegamos à beira da lagoa. O pai arma os molinetes porque até hoje eu não faço com medo de fazer alguma besteira. A gente senta, o pai tira duas latas de cerveja da mochila e a gente bebe enquanto observa o leve ondular das linhas que caem dentro da água.

“E aí, decidiu o que vai fazer de vestibular?”

“Não. Tô entre jornalismo e arquitetura.”

“Já te disse que jornalismo não dá dinheiro e só traz incomodação, acho que tu devia tentar arquitetura.”

“É, não sei, mas eu acho massa as coisas que tu faz, parece uma aventura.”

“Não é bem assim, guri, a gente passa muito tempo tendo que fazer coisa que não tá afim. Os filezinhos são raros.”

“É, pode ser, mas eu acho que vale a pena.”

O céu começa a escurecer e o ambiente é tomado por barulhos de cigarras. Com o pôr do Sol começa a esfriar consideravelmente.

“Acho que melhor a gente ir, hoje não vai dar nada mesmo.”

“Tá bom, vamos comer miojo, então.”

Eu e o pai voltamos pro acampamento. Meu tênis já tá mais seco. A gente senta em volta da fogueira para se esquentar. Eu alinho pedras em torno do fogo para fazer proteção para a brasa. O pai monta o fogareiro e prepara a comida. Comemos em silêncio, numa cumplicidade que nunca mais tive na vida.

Deitamos na barraca, mas não consigo dormir. Mexo um pouco no celular, em vão, porque não pega área direito. O pai mexe muito o pé e quase bate na minha cara. A verdade é que já fazem alguns anos que não gosto mais de vir pescar com ele. Não vejo mais graça, quando eu era menor parecia uma aventura, hoje só parece um ritual sem sentido. Mas não deixo de vir, claro. Eu sei que é importante pra ele e eu quero que ele seja feliz e menos preocupado com a vida.

Amanhece e o pai acorda cedo e faz questão que eu também acorde. A gente come um pão com margarina e desce de volta para a lagoa. Descemos a linha mais uma vez e esperamos em silêncio que algum peixe morda.

“Eu nunca te disse isso, mas hoje faz 20 anos que conheci tua mãe. Foi num aniversário meu, que fiz em casa. Eu queria que tu tivesse a chance de ter conhecido ela melhor.”

“Eu também.”

“Tu vai fazer 18 anos, acho que é justo que eu te conte a verdade. Tua mãe não morreu num acidente de carro. Ela se suicidou, com remédios.”

“Nossa.”

“Sim, desde o teu nascimento ela começou a apresentar um quadro de instabilidade mental. Teve depressão pós-parto e a partir daí a gente não conseguiu mais controlar.”

“Por que ela fez isso?”

“Eu não sei. Eu queria saber também. Quando conheci ela, parecia uma garota normal. O momento em que tu nasceu foi delicado. Acho que eu não deveria dizer isso pra ti, mas tens o direito de saber: ela te recusou. Ela não queria ficar contigo de jeito nenhum. Dava ataques, era incompreensível.”

“Então a culpa é minha?”

“Não, meu filho, não veja as coisas desse jeito. Não dá pra explicar o que se passava na cabeça da tua mãe. Tu era só um bebê, como que poderia ser culpa tua?”

“Não sei, mas se ela piorou com meu nascimento devo ter alguma coisa a ver.”

“Verdade, mas os responsáveis lá eram eu e tua mãe e eu falhei em deixar ela bem. Foram anos até aceitar tudo.”

“Poxa, pai, tu devia ter me contado isso antes.”

“Acho que não, uma criança não saberia receber isso da maneira correta. Agora eu vejo que tu já tem condições de entender. Tu te lembra alguma coisa da Rê?”

“Eu tenho uma lembrança muito vaga de estar numa casa de praia ou de campo, tinha um tapete muito peludo e eu tava sentado nele. A minha mãe se aproxima de mim e se ajoelha. Eu pego um carro branco que estou brincando e fico batendo no joelho dela. Ela cai no tapete e finge que está machucada da batida do carro. Acho que é isso.”

“Deve ter sido lá na casa que teu avô tinha.”

“Acho que pode ser.”

“O fio da minha vara de pesca começa a vibrar.”

“Opa, mordeu.”

“Calma, puxa devagar, vai recolhendo a linha.”

“Tá pesado!”

“Me dá aqui, então.”

Meu pai pega a vara de pesca, mas logo o peixe se solta do anzol. Ficamos mais duas horas ali tentando pegar algum peixe, mas nenhum aparece.

Voltamos pro acampamento e mais uma vez comemos miojo. O pai de repente ficou mais calado e pra não quebrar o clima eu fiquei também. Logo a tarde passou, a gente arrumou as coisas e voltou para a moto, para vida, para o trabalho e para o colégio. Faz frio na volta de moto. Uma neblina espessa paira sobre a praia do Morro das Pedras. Um movimento intenso em direção ao centro da cidade começa a se formar. O final de semana acabou para todo mundo e o tempo fechado indica isso. Chegamos em casa e cada um vai para o seu quarto. Jantamos em silêncio até que o pai pergunta como que tá o colégio. Eu respondo vagamente e sinto que era exatamente assim que ele queria que eu respondesse.

O ônibus se aproxima da rodoviária de Schmidt e Marcelo observa a fachada da edificação, que reproduz o estilo enxaimel que está por toda a cidade. Quando o ônibus estaciona, porém, percebe que a fachada é apenas uma pintura que imita o estilo. Bota a mochila nas costas e atravessa o corredor vazio do ônibus. Marcelo desce e percorre o saguão da rodoviária. Faz mais frio do que em Xerém, mas o ar é puro e o céu está limpo. Pega seu celular e vê que a distância do hotel é um pouco longa. Decide chamar um táxi.

Dentro do táxi, ignora a presença do motorista e fica atento à arquitetura das casas e prédios da região central. Passa por uma avenida que margeia um rio e vê mais algumas imitações de arquitetura enxaimel. O motorista faz uma curva acentuada e Marcelo lê a placa que aponta para Termas de Schmidt, hotel em que se hospedará.

O táxi chega ao hotel, ele paga o motorista e entra no saguão para fazer o check-in. Na fila, reconhece alguns rostos de Xerém e se dá conta do itinerário óbvio que alguns jornais do estado fizeram essa semana. Chega na sua vez, se cadastra, pega a chave. A recepcionista, uma jovem de cabelos lisos e muito escuros não faz contato visual com ele. Sobe de elevador e presta atenção nos detalhes do ambiente. O hotel parece mais velho do que o de Xerém. Abre a porta do quarto e vê que os móveis e paredes são todos de madeira escura. A

televisão, ainda de tubo, fica em um suporte no alto da parede cor de creme. Abre sua mochila, coloca suas roupas no armário, posiciona seu notebook na escrivaninha rústica e olha o relógio. São perto das 9 da manhã. A audiência pública acontecerá daqui a algumas horas em um hotel do centro da cidade. Não sente a menor vontade de cobrir o evento e pergunta-se porque está aqui. Sente-se culpado de não ter feito a matéria sobre Arnaldo.

O elevador demora para chegar e, impaciente, decide descer pelas escadas. Atravessa o corredor do térreo, onde há algumas lojas de souvenirs e uma agência de turismo. Nota uma garota parada no canto de uma dessas lojas. Ela tem o cabelo preto, pele e olhos claros e segura uma câmera digital. Atrás dela, há um conjunto de luzes e um fundo em que aparecem os principais pontos turísticos da cidade, como a ponte que corta o rio Itapoã, o comércio de rua e casas no estilo colonial. Os olhares de Marcelo e da garota se cruzam. Um grupo de idosos passa por eles. A maioria veste agasalhos esportivos e usam bonés. De maneira automática, a garota fica com a postura mais ereta e cumprimenta os idosos.

\*

Começa a caminhar por uma rodovia pela qual passou de táxi, uma avenida de quatro vias com muita vegetação de um lado e o rio barrento de outro. Observa por alguns segundos o movimento violento das águas e nota um

galho de árvore que segue com a corrente. Uma nuvem de mosquitos o persegue. Em Florianópolis, esse seria um lugar perigoso. Depois de dez minutos, avista o centro da cidade. Atravessa uma ponte de metal antiga e vai em direção às ruas cheias de pequenas lojas.

Olha no relógio e vê que ainda é cedo para chegar no hotel onde acontecerá a audiência pública. Anda meio desajeitado e sem rumo pelo calçadão principal. Sente-se desconfortável para fazer qualquer tipo de turismo. O sol aparece e a temperatura esquenta. Começa a suar. Não sabe bem para onde ir ou o que fazer. Decide tomar café e para fazer o tempo passar. É quase impossível. Toma dois expressos, come duas fatias de torta de ricota e um pão de queijo. Normalmente a comida o acalma, mas não está funcionando. Não queria estar ali, mas não queria estar Florianópolis também.

Passa mais um tempo, olha no relógio e vê que falta meia hora para audiência. Quando está pagando a conta no caixa, alguém lhe toca o ombro. Um pouco assustado, se vira e vê em sua frente Bruno, um colega de faculdade. Eles se cumprimentam e Bruno o acompanha até a porta.

“E aí, o que que tu tá fazendo aqui?” - diz Bruno.

“Tô cobrindo uma matéria sobre a instalação da fábrica de carros.”

“Claro, que pergunta, veio um monte de gente de fora por causa disso.”

“E tu, o que anda fazendo?”

“Trabalho como assessor de um vereador da cidade.”

“Entendi.” - diz Marcelo, enquanto coça a barba.



“Tu tá no Diário da Manhã ainda?”

“Tô, tô meio cansado de lá, mas também acho que não tenho muita opção.”

“É... também não quero ficar para sempre nesse trabalho aqui, apesar de pagar relativamente bem.”

“Sei como é...”

“Mês passado fez 5 anos.”

Os dois cruzam os olhares.

“É. Parece que foi ontem.” - diz Marcelo.

“Tu tá com quantos anos?”

“31.”

“O Roger teria 36 hoje, então.”

“Tu manteve contato com a família?”

“Não e tu?”

“Não também.”

“Sabe que eu nunca mais fui numa praia depois disso?”

“Eu também não.”

“Eu tô aqui por causa dele, cara, ele que falou para eu ficar com o colete.”

“Eu sei. É foda.”

“Às vezes me vem a imagem do corpo dele todo inchado.”

Os dois param na frente de uma esquina. Pessoas atravessam a rua na faixa de pedestres e passam por eles. Eles se encaram novamente.

“Olha, eu preciso ir. A audiência já vai começar.”

“Beleza. Bom te ver.”

“Também. Um abraço.”

Marcelo avista a fachada do Hotel Krauss, mais uma vez um prédio com arquitetura enxaimel falsa. Identifica-se na recepção e sobe no segundo andar onde se encontra o auditório. É uma sala ampla, cor de creme, com mais ou menos 200 cadeiras dispostas e um pequeno palco com uma mesa. Quando chega lá, não há ninguém. Senta-se em uma das cadeiras e para por um instante. Não há qualquer barulho. Pisa no carpete fofo como se certificar da existência dos seus pés. Pensa em Roger enquanto olha para as próprias mãos. A imagem do rio Itapoã também lhe passa pela cabeça. Respira e pega o celular, na tentativa de parecer ocupado.

\*

Algumas pessoas começam a aparecer no auditório. A cadeira na qual Marcelo se sentou range demais e ele decide ir para uma fileira mais atrás. De súbito, uma grande quantidade de pessoas toma o espaço. São autoridades políticas acompanhadas por correligionários e por jornalistas.

As cadeiras são preenchidas em quase sua totalidade. Um grupo de pessoas desenrola uma faixa escrita “Vale Verde pela fábrica da Schloss”. A mesa começa a se formar. Marcelo anota o nome das pessoas que conhece: Vitor Braun, prefeito de Schmidt, João Köller, deputado estadual da região, Hans

Volland, diretor geral da Schloss no Brasil. Junto deles, mais duas pessoas formavam a mesa. Provavelmente um líder comunitário da região e um secretário da prefeitura.

O burburinho se dissipa quando a mestre de cerimônias anuncia o nome das autoridades presentes e das pessoas que formam a mesa. Marcelo anota o nome de Jorge Galino, representante da Associação comunitária do Vale Verde e Tiago Vandrese, Secretário de infraestrutura e urbanismo de Schmidt. Pousa o caderninho azul na cadeira ao lado. Decide parar de anotar qualquer coisa. Considera sair e desistir da matéria também, mas indeciso, decide ficar para ver o que acontece.

O presidente da mesa, o prefeito Vitor Braun, que aparenta um pouco mais de 50 anos, toma a palavra. Ele arregança as mangas de sua camisa branca e introduz a situação para os presentes, mostrando o terreno onde será construída a fábrica. Menciona a quantidade de casas que terão que ser desapropriadas e o quanto de empregos e impostos a indústria deve render para o município.

O representante da Schloss no Brasil, Hans Volland, começa a falar e usa uma apresentação em slides digitais para explicar como será a construção da fábrica no bairro do Vale Verde. Ele tem um sotaque alemão forte e é um homem alto. Em alguns momentos, o público bate palmas. O secretário de infraestrutura Tiago Vandrese pega o microfone e começa a esmiuçar o impacto urbano e econômico que a fábrica instalada terá para a cidade de

Schmidt. Ele ressalta o desenvolvimento que a instalação da fábrica trará para a região e da localização estratégica do terreno. O líder comunitário Jorge Galino, vestido com a camiseta da associação, reforça o discurso pregado pelos outros integrantes da mesa, fazendo a ressalva de que as duas partes devem chegar a um acordo.

“O que temos em jogo é a desapropriação de 4 casas que estão dentro do terreno onde a fábrica da Schloss deve ser instalada. São casas de colonos que estão instalados na região desde a fundação da nossa cidade. Temos alguns deles aqui hoje. Vamos decidir o que é melhor para todos.” - diz Galino.

Levanta-se no meio do público um senhor por volta dos 60 anos, cabelos brancos, usando suspensórios. Ele se apresenta. Seu nome é Wegner Rosembaum, funcionário público, que mora ainda na casa de seus antepassados.

“A fábrica com certeza deve trazer muitos empregos para a cidade. Mas eu pergunto pra vocês, que Schmidt que vocês querem? Uma Schmidt industrial ou uma Schimdt onde as pessoas possam viver com qualidade? Nossa cidade é de tamanho médio, temos algumas confecções e o que sempre sustentou a cidade foram as águas termais. Vocês querem a cidade cresça e vire uma Joinville? Imaginem a poluição que essa fábrica não trará. Eu pessoalmente vivi os anos mais bonitos da minha vida nesse terreno. O rio Itapoã me acompanha aqui, no coração. Eu levo meus netos para pescar ali. Isso tudo vai acabar com a instalação da fábrica. Eu aposto que vão aterrar ou poluir o rio. O

que estamos fazendo aqui é uma escolha. E ela não é tão óbvia. Às vezes a melhor coisa a se fazer é não fazer nada.”

O prefeito, presidente da mesa, agradece a intervenção de Wegner Rosenbaum. O secretário Tiago Vandrese faz um aceno discreto e pede a palavra. Vitor Braun concede a palavra para o secretário que começa a responder ao senhor Wegner Rosembaum:

“Agradeço muito a manifestação do senhor Wegner, que prestou muitos anos de serviço à nossa comunidade, mas gostaria de ressaltar que temos aqui uma oportunidade rara que não podemos deixar escapar. A Schloss é uma marca que não precisa de apresentações. Ela colocará Schmidt no mapa do mundo. É um retrocesso não aceitarmos isso. E ainda existe o fato de que a Schloss é alemã, alemã como o povo que ergueu essa cidade no meio do nosso querido vale, o que me faz pensar que temos vocação para isso. Não foi à toa que eles nos escolheram como sede para a sua primeira fábrica no Brasil. Nosso governador não poupou esforços para trazer essa oportunidade para nossa região. Eu entendo quando o senhor Wegner, fala das memórias de infância e fala do rio Itapoã. Mas como será a vida dos nossos netos? Bisnetos? Eles ficarão aqui ou irão para Florianópolis? Curitiba? São Paulo? Se continuarmos assim não terá emprego e condições de vida na nossa cidade. Eu concluo dizendo que acho que não podemos perder de vista a oportunidade que temos em mãos. É como uma mão e uma luva. A Schloss está nos dando um passaporte para o futuro e seria trágico de nossa parte não aceitá-los.”

Uma salva de palmas preenche o auditório do hotel com o fim da fala do secretário. A sessão de perguntas do público se inicia e, cansado, Marcelo decide sair do auditório. Ele desce as escadas do hotel e vai até a marquise do Hotel. Lá, sem ter o que fazer, começa a mexer no celular. Considera mandar uma mensagem para Jair falando que vai desistir desta matéria também. De repente, outra pessoa desce as escadas e divide o espaço com ele.

“O senhor é repórter, não é?”

“Sim, como sabe?”

“Vi você anotando coisas no seu caderninho lá no auditório. Meu nome é Wegner.”

“Prazer. O meu é Marcelo.”

“Igualmente.”

“O que está achando da cidade, jovem?”

“É pequena, calma. Sinceramente eu não sei se aguentaria passar mais de uma semana aqui.”

“Sei como é. Eu era assim na tua idade. O que você acha da questão?”

“Do terreno da fábrica?”

“Sim.”

“Eu sou repórter, não opino.”

“Por favor.”

“É uma questão difícil. Eu entendo o seu lado, acho que a vocação da cidade é outra, mas essa fábrica vai trazer muito dinheiro pra cá. Pensando um pouco,

porém, eu sinto falta da Florianópolis da minha infância. Tudo mudou para pior.”

“É isso que eu penso.”

Uma multidão começa a descer as escadas e vans começam a estacionar na parte da frente do prédio. Jornalistas cercam o prefeito de Schmidt e o representante da Schloss. Marcelo observa o movimento e esboça um pequeno sorriso. Um representante do hotel pede a palavra e fala que o almoço será servido para quem se inscreveu na audiência, uma cortesia da Schloss. Depois, as vans levarão jornalistas e autoridades até o terreno onde se instalará a fábrica.

\*

Marcelo desce da van e fica perto do grupo de jornalistas dos principais veículos de Santa Catarina. Acha tudo irreal, não entende porque está ali. Há muitas pessoas da televisão, pelo menos 4 emissoras com repórter, cinegrafista e produtor, que fazem questão de marcar seu espaço para que a passagem de sua reportagem seja a melhor possível. A fábrica será instalada em um grande terreno onde na sua parte mais próxima há um conjunto de 4 casas margeando a rua Gonçalves Ledo. De fundo, há um grande descampado onde corre o rio. Do outro lado do rio há um morro onde se vê a estrada por onde é possível sair da cidade de Schmidt. Sem saber muito bem o que fazer e

para onde ir, Marcelo acompanha o aglomerado de repórteres que atravessam as casas e montam seus tripés e câmeras no descampado. Simultaneamente, cada jornalista de cada emissora faz sua passagem enquanto pequenos grupos de produtores, repórteres de impresso e equipe da empresa alemã conversam animadamente. Marcelo observa uma das gravações:

“A Schloss é uma das gigantes do automobilismo mundial. Seu nome é sinônimo de luxo. E é aqui na pacata Schmidt que eles escolheram abrir a sua primeira fábrica no país, que será instalada neste terreno que nós vemos agora. São mais de 15 mil metros quadrados de um empreendimento que promete causar uma revolução na região.”

Sem rumo, Marcelo vaga pelo terreno irregular. Aproxima-se mais uma vez do rio Itapoã. Ali, as águas são um pouco mais claras. Um conjunto de pedras faz uma barreira natural no leito do rio. De longe, de repente, vê alguém acenando de uma das casas coloniais que fazem parte do terreno. É o senhor Wegner. Marcelo anda em direção à casa e sobe as escadas da varanda.

“Venha tomar um café comigo, jovem.”

“Pode ser, muito obrigado.”

Marcelo e Wegner entram na casa, que é feita de tijolos à vista, representante genuína da arquitetura enxaimel. O aroma de café toma conta da sala e Wegner pede para que ele fique à vontade. Marcelo observa um armário com baixelas antigas e depois se senta em uma das poltronas da



sala. Um gato preto atravessa o cômodo e vem se esfregar nas suas pernas.

Wegner volta com uma travessa com um bule, duas xícaras e açúcar.

“Sai, Max.”

“Eu não me incomodo.”

“Ele é atirado. Se esfrega em qualquer um.”

Wegner serve as xícaras de café e se senta na outra poltrona que compõe os móveis da sala. Ele usa um óculos pequeno e parece ter quase dois metros de altura. Mexe o açúcar no café e bate a colher na ponta da xícara.

“Uma coisa ficou confusa para mim, senhor Wegner, pelo que sei ninguém tem o direito de tirar você daqui. Teriam que pagar uma indenização, inclusive. Por que o senhor foi na audiência se defender?”

“Olha, você tem razão. Eles me ofereceram uma indenização e até aumentaram o preço diante da minha recusa. O problema é que venho sofrendo pressões. Me ligam de madrugada falando que vão me matar se eu não entregar o terreno. Já jogaram um tijolo com um recado, arrebentaram a minha janela.”

“Que coisa, não esperava isso em Schmidt.”

“Pois é. Eu não sei se são pessoas da fábrica mesmo ou se é gente da cidade. Deus que me perdoe, mas ainda bem que minha Laura não está aqui para ver isso. Amanhã vai fazer 5 anos que ela faleceu.”

“Meu pêsames.”

“Tenho uma foto dela aqui.”

Wegner passa para Marcelo um retrato em preto e branco de uma senhora de cabelos brancos e curtos, nariz aquilino e boca pequena.

“Parecia ser uma boa pessoa.”

“E era. Sinto muita falta dela. Tenho minha filha que sempre me visita e traz meus dois netos, mas é diferente. A gente teve uma parceria de quase 40 anos.”

“Sinto muito.”

“Tudo bem. Mas diga de você, meu jovem, é casado, tem alguém na sua vida?”

“No momento não. Terminei um relacionamento faz 3 anos. Desde então não tive mais vontade de ficar com ninguém.”

“Por quê?”

“Não sei. Acho que prefiro ficar sozinho.”

“Entendo, mas acho uma pena que pense assim sendo tão jovem. A solidão é coisa séria. Não pensa em se casar no futuro?”

“Não.”

“Nem ter filhos, então?”

“Também não.”

“Não quero me meter na sua vida, Marcelo, mas isso não tem futuro não.”

“Eu sei que não tem.”

“E você está de acordo co isso? Um homem não dura muito tempo sozinho. Somos seres sociáveis.”

“Acho que nunca fui muito sociável, não tenho amigos no trabalho, por exemplo, mas admito que piorei desde que terminei com minha ex-namorada. Me distanciei dos poucos amigos que tinha. Desculpa estar falando de algo tão pessoal. Não quero te incomodar.”

“De forma alguma. Eu é que perguntei. Tenho curiosidade, se você não se importar. A vida do velho aqui anda bem parada tirando essa história da Schloss. Não é todo dia que tenho uma companhia para falar”.

“Tá bom, então. Tenho um pouco de vergonha de falar dessas coisas, mas quer saber, às vezes é bom tocar o dane-se. Sinto que regredi muito nesses últimos tempos. Não tenho vontade de sair de casa, já não me importo se estou arrumado ou não. Mas o estranho é que eu me deixo levar por isso. Acontece de um jeito natural, eu procuro ficar sozinho, trancado em casa.”

“Mas é claro. A tendência é se isolar mais. Você parece estar com uma depressão. Deveria tratá-la.”

“Eu imagino que eu esteja. Já não sei mais o que é realidade e o que é coisa da minha cabeça. Não sinto mais vontade de fazer nada também.”

“Eu sei como é. Eu já tive depressão, inclusive tive recentemente, depois do falecimento da Laura. Sinto que hoje estou melhor, mas pensei o pior na época.”

“Como assim, o senhor pensou em se matar?”

“Sim, minha vida parecia sem sentido com a ausência dela. Mas eu superei. A gente precisa se reinventar. Você já pensou em suicídio?”

“Não.”

“Que bom, pois é uma situação bastante delicada. E eu temo que se você continuar por esse caminho vai acabar cogitando isso.”

“É, talvez eu devesse mudar.”

“É a melhor saída.”

“Obrigado por me ouvir.”

“Eu é que agradeço a companhia.”

Os dois se levantam e vão até a varanda da casa. Lá, notam que os jornalistas começam a voltar para as vans. Marcelo oferece a mão para Wegner, que o cumprimenta. Desce as escadinhas da casa e vai em direção ao tumulto.

Marcelo senta na janela de um dos veículos e acompanha a paisagem bucólica do bairro Vale Verde se tornar gradativamente a paisagem urbana do centro da cidade. Está quase dormindo com o barulho monótono do motor e com a paisagem sem muitos atrativos. De repente, seu telefone toca:

“Alô?”

“Oi, Marcelo, é o Manuel, tio do Arnaldo.”

“Opa, tudo bem?”

“Sim. Estou te ligando para saber da matéria. Acompanhei o jornal, mas só vi uma nota curta sobre a situação da cidade.”

“Manuel, vou ter que te pedir desculpas. Tivemos um contratempo no jornal e a matéria precisou ser cortada.”

“Como assim?”

“Bem, tivemos uma divergência interna e a pauta teve que cair.”

“Sei.”

“Sinto muito mesmo.”

“Olha, eu não desculpo não.” - diz Manuel. “Tu não pode mexer assim com a vida da gente. Não foi fácil aceitar se expor assim. Mas não sei, talvez tenha sido melhor.”

“Se dependesse de mim a matéria estaria publicada.”

“Tá esquisita essa história. O Arnaldo estava empolgado afinal de contas. É uma pena e uma falta de profissionalismo, Marcelo.”

“Desculpa novamente.”

“Até mais.”

“Até. “

\*

Chegando no Hotel Krauss, Marcelo se afasta do grupo de jornalistas e não sabe bem o que fazer. Olha para o relógio e vê que são 16h13. Deve escrever a matéria até o final da noite para voltar para Florianópolis no começo da manhã do dia seguinte. Sai do hotel, caminha pelas ruas do centro e faz a mesma trajetória que fez na ida, percorrendo a rodovia que margeia o Rio Itapoã. O céu agora está nublado e um vento gelado bate na vegetação espessa que margeia a

estrada. Segue andando, pensativo, lembrando de Wegner, Bruno e Roger. O rio barrento corre ao seu lado.

Chegando ao Termas de Schmidt, Marcelo se deita na cama e observa seu notebook fechado na mesa rústica de madeira. Liga a TV e acompanha o noticiário regional. A imagem cheio de estática e o conteúdo previsível o fazem cansar da transmissão. Desliga a TV e abre o notebook. Olha seu e-mail e decide escrever para Vanessa:

“Não sei o que anda acontecendo comigo. Não falei isso pra ninguém e não sei porque tô escrevendo isso pra ti, mas sinto que não tá dando mais. Eu sou uma farsa. Eu nem sei direito o que eu tô escrevendo. Tu não precisa me responder e não precisa se preocupar, eu sou responsável pelos meus próprios atos. Eu espero que tu esteja bem.”

Marcelo hesita em mandar o e-mail, mas clica no botão de enviar. Fecha o notebook e se deita na cama. Lembra-se que precisa entregar a matéria até o começo da noite, mas se sente indisposto e considera simplesmente largar tudo mais uma vez.

Desce para o térreo e passa pela galeria onde há as banheiras com águas termais. Um vidro separa o corredor no qual Marcelo está do complexo onde idosos tomam banho em piscinas. Uma senhora, de cabelos bem escuros, tem apenas a cabeça acima do nível da água. Ela está de olhos fechados e por um instante Marcelo se pergunta se ela está viva. Depois de se perder alguns segundos nessa visão decide seguir pelos corredores mal-iluminados do hotel.

Passa mais uma vez pelo estande fotográfico, agora vazio. Olha o relógio e vê que são quase 17h15. Vê no celular que há uma mensagem de Jair, perguntando a que horas ele vai enviar o material sobre a instalação da fábrica da Schloss. Guarda o celular e se dirige ao saguão de entrada do hotel. Senta-se em uma poltrona velha e de couro.

Não sabe o que fazer. Só resta ligar para Jair e pedir demissão. Entretanto, tem receio. Não se importa mais com o trabalho, mas encarar Jair e não conseguir explicar porque ele não consegue mais escrever não será fácil. Fecha os olhos e passa a mão sobre a testa. Abre os olhos, e, decidido, vai até o balcão do hotel. A mesma funcionária que fez seu check-in lhe atende. Ele pede por mais uma diária. Pega a carteira e diz que prefere pagar adiantado. A recepcionista pede para que ele assine um documento e agradece. Marcelo se afasta do balcão e toma o elevador ainda meio sem saber porque fez isso. Enquanto se desloca pelo corredor do seu andar, o celular toca. É Jair. Ele não atende. Entra no quarto, deita-se na cama e encara o teto branco. Agora não há mais volta. De repente é tomado por um cansaço. Ainda é começo de noite, mas ele puxa as cobertas e decide dormir.

\*

Num reflexo, Marcelo desperta e olha seu celular, que está pousado no criado mudo do quarto. O marcador mostra que são 3h46 da manhã. Há

também 4 alertas de mensagem e 3 ligações não atendidas. Todas da redação. Ainda meio tonto, passa os olhos sobre as mensagens de texto e vê que primeiro Jair está preocupado, depois já fala em demissão.

O ar condicionado faz um ruído e começa a trabalhar. Marcelo afasta as cobertas de si. Liga a TV, zapeia alguns canais e logo a desliga. Levanta-se, abre as cortinas da janela e olha a paisagem na frente do hotel. O rio Itapoã corre silencioso. Vai ao encontro mais uma vez do celular e vê que se passaram apenas 3 minutos. Coloca o aparelho no bolso, procura a carteira, vai até o banheiro e se ajeita na frente do espelho. Sem saber o porquê, sai do quarto.

Na recepção, se aproxima do balcão e um atendente com cara de sono sai do cubículo de traz do balcão para atendê-lo. Pergunta onde ele pode comprar um cigarro. O atendente, um rapaz de menos de 20 anos, pensa um pouco e chega à conclusão de que está tudo fechado. Talvez um posto 24 horas que fica quase fora da cidade. Aproveitando o ensejo, ele tira um pacote do bolso da calça e fala que pode vender alguns à varejo para ele. Marcelo pergunta o preço e o rapaz diz que faz por 2 reais cada cigarro. Percebe que está caro e que o garoto está se aproveitando da situação. Resignado, ele abre a carteira e tira uma nota de 10 reais.

- Pode ser 5, então.

A transação é feita e, meio sem graça, Marcelo pergunta se ele tem fogo. O rapaz confirma, mas fala que Marcelo só pode fumar na rua, fora da marquise do prédio. Marcelo entende e diz que depois lhe devolve o isqueiro.



Do lado de fora, acende um cigarro e tosse um pouco na primeira tragada. Faz um calor úmido na rua, apesar de já estar perto do fim de madrugada. Os arbustos com cara de mangue que margeiam o rio Itapoã lhe lembram as árvores de Xerém, que por sua vez lembram os mangues de Florianópolis. Nada mais distante da ordem alemã. Ele dá mais tragadas no cigarro e isso o acalma.

O cigarro termina e ele se senta em uma mureta ao lado do prédio do hotel. Puxa outro cigarro. Acende. Tenta botar as ideias em ordem. Não consegue. Pensa quanto dinheiro tem, na ligação que terá que fazer para Jair o que fará em Schmidt amanhã. O mais fácil seria simplesmente largar tudo. Não chega a conclusões. Só sente um desânimo profundo e uma vontade de desaparecer. Termina o outro cigarro e começa a andar pelos arredores do hotel. Na sua frente, o rio. Ele se aproxima da margem e encara por uma última vez o curso das águas.

Finjo que danço no meio da pista. Luzes coloridas iluminam o espaço e de tempos em tempos sinto a lufada de ar gelado do ar condicionado. Olho para Vanessa e faço um sinal dizendo que já volto. Vou até o banheiro, me ajoelho na privada e boto o dedo na goela. A sensação é horrível, mas o vômito sai fácil. Não queria fazer fiasco no casamento do irmão de Vanessa, mas sempre tive o estômago fraco e, ao misturar as bebidas, o inevitável aconteceu. Levanto da privada, pego um papel higiênico e limpo o canto da boca. Vou até a pia e me encaro por alguns segundos no espelho. Estou deplorável. Minha postura me entrega, o suor na testa diz tudo. Jogo uma água no rosto e me seco com papel toalha. Não queria ter vindo.

Saio do banheiro e me aproximo de Vanessa, que está conversando com seu tio Cláudio enquanto não voltava. Eles me perguntam se estou bem e eu afirmo com um discreto balançar de cabeça.

“Marcelo, estávamos falando de vocês irem nas férias passar uns dias lá em Garopaba com a gente. O que acha?”

“Não sei, pode ser.”

“Vamos, vai ser legal.” - diz Vanessa.

“Isso, vão. Até lá quem sabe vocês já se casaram também, não é?” - diz Cláudio dando um leve empurrão no ombro de Marcelo.

“Sim, Cláudio, quem sabe. Agora me dá licença que eu vou pegar mais um drinque.”

“Tem certeza, Má? Tu não parece bem.”

“Eu já tô melhor, não se preocupa.”

Me afasto dos dois, vou até o bar e peço para o garçom preparar uma gim tônica. Enquanto o drinque é preparado, dou uma olhada geral no salão da associação de magistrados de Santa Catarina. Olho para as primas de Vanessa, que estão sentadas em uma mesa comendo bolo. Todas parecem ter uma mesma característica no rosto, assim como Vanessa. A proximidade dos olhos, que diminui um pouco a beleza da figura, uma marca da família. Na pista de dança, Breno, o irmão de Vanessa que vai se casar com Jéssica, dança com a pequena Carla, vestida toda de branco como se fosse uma mini-noiva. As pessoas em volta dos dois fazem uma roda para admirar essa paródia de valsa que os dois dançam. No final, batem palmas e Anelise vai para o colo da mãe.

O garçom me entrega o drinque e no mesmo momento Vanessa se aproxima de mim.

“Tô precisando tomar um ar, Vá, vamos lá fora” - disse eu.

“Tá bom.”

Nos deslocamos para o pátio externo do salão de festas, onde há uma grande piscina e um caminho de pedras com alguns bancos de madeira.

“Que horas tu quer sair amanhã?” - disse eu.

“Eu não sei, não muito tarde.”

“Que horas, exatamente?”

“Eu não sei. Tanto faz.”

Marcelo olha para o relógio do celular.

“Tem algum problema?” - diz Vanessa.

“Não.”

“Eu te conheço.”

“Eu já disse que não. Vamos andar um pouco.”

Começamos a percorrer o caminho de pedras e vamos em direção a um pequeno bosque que fica depois da onde os carros estão estacionados. O chão ali é feito de pequenas pedras, que fazem o barulho característico quando ando quase sem tirar o pé do chão.

“Hoje eu percebi como tu é parecida com tua mãe.”

“Cruzes. Não me fala isso. Tenho uns 30 anos ainda para ficar que nem ela.”

“Não é algo físico. É um jeito. Eu não sei explicar direito, mas vocês duas estão com um coque e o jeito que vocês sentam na mesa apoiando os braços na mesa é exatamente o mesmo.”

“Bom, a fruta não cai longe do pé, né. Tu nem falou com ela direito hoje. Aliás, não falou direito com ninguém. Tu é muito mal educado. A mãe veio falar comigo que não gostou.”

Chegamos no bosque, que pela distância do salão de festas não tem muita iluminação. Grandes árvores balançam com o vento e folhas secas estão espalhadas pelo chão.

“Tu parece que não tá aqui. O que tá acontecendo, hein?”

“Nada.”

“Onde tu tá?”

“Eu tô aqui.”

Me aproximo, puxo o braço dela e encosto meu tronco no seu. Dou um beijo na sua testa. Seus olhos brilham com a pouca iluminação que chega e ela me olha com uma cara de resignada.

“Me fala. O que tá acontecendo?”

“Eu não tô afim de falar.”

“Tu parece uma criança.”

“Sei lá.”

“Eu vou voltar pra dentro. Já devem estar sentindo falta de mim.”

“Pode ir. Vou ficar mais um pouco aqui.”

“Porra, Marcelo.”

“Não te preocupa. Acho que já vou indo pra casa. Quero caminhar um pouco.”

“Pelo menos vai lá se despedir das pessoas.”

“Não tô afim.”

“Tu é foda. Tá bom. Vai lá. A gente se fala quando eu chegar em casa.”

“Té.”

Tiro o paletó e penduro no meu ombro. São quase 3 da manhã e o caminho até em casa não é muito perigoso, mas nunca se sabe. Saio da associação de magistrados e caminho pela calçada do bairro residencial. Olho para o punho da minha camisa branca e vejo uma mancha antiga de vinho. Ela me faz lembrar de como conheci Vanessa. Não deve ter sido essa camisa que eu estava usando na ocasião, mas lembro de ter derrubado uma taça de vinho no vestido branco que ela usava no bar. Eu achei que ela ficaria brava, mas ao contrário, ela usou isso como desculpa para me levar para um canto onde nos beijamos pela primeira vez.

Avanço mais um pouco e chego em um pequeno centro comercial que fica na frente de um prédio residencial. Paro um instante para observar as vitrines, primeiro de uma loja de informática, depois de uma papelaria e por último uma loja de roupas femininas. Me detenho na loja de roupas femininas e encaro por alguns segundos os manequins brancos e com rosto vazio. Lembro de ficar com medo de ver uns manequins sem roupa quando era criança. Dou uma risada e elimino a lembrança da minha mente e mais uma vez lembro de Vanessa, sua escolha pela faculdade de moda, sua tentativa de abrir uma ateliê, seu fracasso e o momento atual, em que ela tem que trabalhar em loja de roupas no shopping para poder se sustentar. Parece que faz tanto tempo, mas só fazem 4 anos desde que se conheceram e desde que ela ainda tinha essa disposição para fazer alguma coisa da própria vida.

Chego no meu prédio, dou um aceno para o vigia, que está dormindo na guarita. Balanço um pouco o portão, fazendo um barulho proposital e ele acorda. O vigia aperta o botão e abre o portão para mim. Subo os andares de escada, abro a porta do apartamento e deixo o paletó pousado em cima do sofá. Apago a luz da sala, vou até o quarto e me deito com a roupa da festa. Apago as luzes, boto um travesseiro em cima da minha cabeça e tento dormir. Não consigo. Me viro de um lado para o outro e passo quase uma hora nessa batalha até que desisto.

Levanto-me, sento na cama e pego meu celular. Passo a mão sobre minha testa, abro o aplicativo de mensagens e abro a janela do contato de Vanessa. Escrevo: acho que precisamos conversar. Vou dar o OK para mandar a mensagem mas titubeio. Decido apagá-la.

Sem conseguir dormir vou até o computador. Olho primeiro sites de notícia, depois passo para fóruns de tecnologia e jornalismo e por fim começo a olhar um pouco de pornografia. Abro umas 5 abas de vídeos pornográficos e começo a assistir ao primeiro. O vídeo mostra uma jovem magra de cabelos castanho claro recebendo massagem de um homem. A situação aos poucos evolui de carícias para toques sexuais. Ao contrário do esperado, não consigo me excitar. Não sei dizer o porquê. Frustrado, fecho o navegador e fico olhando para o papel de parede escuro que representa uma imagem desenhada de uma floresta preenchida por névoas.

A fechadura começa a fazer barulho de que está sendo girada e a porta do apartamento aos poucos vai sendo aberta. Rapidamente, desligo o monitor e corro para cama, onde finjo que durmo profundamente. Vanessa entra no quarto, liga a luz, se despe e coloca um pijama. Deita-se ao meu lado e bota a mão no meu ombro. Eu não reajo. Ela se levanta para a apagar a luz e se deita longe de mim. Eu abro os olhos e encaro o branco da parede. Em pouco tempo ouço o seu baixo roncar. Finalmente durmo.



O celular vibra em cima do criado mudo e cai no chão. O barulho do aparelho batendo no piso acorda Marcelo, que tem os dois travesseiros da cama tapando sua cabeça. Ele se ergue, se senta e apanha o telefone. Há 4 mensagens não-lidas e 6 ligações perdidas. No momento em que ele pressiona a tela para ler as mensagens, o celular toca mais uma vez.

“Finalmente. Achei que tu tinha morrido ou alguma coisa assim.”

“Desculpa, não sei, não consegui atender.”

“É o seguinte, cara. Tu vai me falar agora o que que tá acontecendo.”

“Eu não sei o que tá acontecendo.”

“Porra, tu não é mais moleque. É muita irresponsabilidade. A gente não deu a matéria que foi capa em todos os outros jornais. Tu tem ideia de como isso pegou mal? Eu não preciso te explicar, né, porque tu é uma porra de um jornalista.”

“Sim.”

“O mínimo que tu deveria fazer é dar uma consideração, ou uma explicação muito boa, mas eu tô vendo que foi só molequice da tua parte.”

“Cara, acha o que tu quiser.”

“Sei. Olha, a Alexandra quer falar contigo.”

“Alô, Marcelo?”

“Oi.”

“O que aconteceu contigo, querido? Tu sempre foi um bom funcionário.”

“Desculpa, Alexandra, mas eu não tô afim de falar.”

“Eu só queria entender. O que eu vou falar pros outros?”

“Não importa.”

“Teu pai vai ficar muito decepcionado.”

“Tchau, Alexandra.”

Marcelo pousa o celular sobre a cama e olha para o vazio da parede por alguns segundos. Pega mais uma vez o aparelho e olha as horas: 14h37. Levanta-se, abre a janela do quarto, observa a falta de movimento e arremessa o celular, que se espatifa no meio da rua que separa o hotel do rio Itapoã. Segundos depois um dos funcionários do hotel saí para rua para ver o que houve. Afasta-se da janela sem ter certeza de se foi visto.

\*

O movimento no calçadão da Rua 7 de Setembro é intenso por conta do dia das mães. Pessoas se aglomeram na frente de vitrines das lojas de roupa, de eletrodomésticos, óticas, agências de turismo e livrarias. Marcelo anda sem rumo, pensamentos suicidas vêm a sua cabeça. Apesar de não fazer Sol e já ser final de tarde, o tempo está abafado. Ele suava muito. Nunca se considerou muito alto, mas tem com a sensação de estar flutuando no meio das pessoas.

Passa na frente de uma loja de eletrodomésticos e toma uma lufada de ar gelado do ar condicionado do estabelecimento. Para por um momento para aproveitar essa corrente. Uma senhora de uns 40 anos e seu filho de 15 observam uma geladeira. O chão da loja está tomado por papeis coloridos, balões estão amarrados nas extremidades das paredes e um locutor anuncia as promoções em um microfone ligado a uma pequena caixa de som.

A senhora discute com um vendedor em quantas vezes ela pode fazer o refrigerador. Ele pega um bloco de notas e anota alguns valores. Uma gota de suor começa a escorrer da testa dela, mas antes de escorrer pela bochecha ela passa o dedo e elimina o fluído. Com a mesma mão, ela faz um carinho no pescoço de seu filho e ajeita a gola torta da sua camiseta vermelha. O filho, num reflexo de vergonha, afasta a mão do seu pescoço.

Marcelo é despertado por um vendedor que pergunta se ele está procurando alguma coisa em especial. Fala que está dando uma olhada e, em seguida, decide sair dali.

Anda mais um pouco e sente uma falta de energia. Seus movimentos ficam mais lentos, a ponto de algumas pessoas prestarem a atenção nele. Uma senhora, de cabelos brancos, bengala preta e postura corcunda encara-o como se ele estivesse fazendo algo errado. Um homem esbarra em seu ombro, Marcelo olha para trás, mas não consegue pedir desculpas.

Começa a ficar desconfortável com a quantidade de pessoas que passam por ele, já que a calçada não é muito larga. Decide pegar uma rua lateral e se

sentar em um banco de madeira. As bordas de sua visão começam a escurecer. Levanta-se, entra em uma lanchonete e compra um chocolate e uma água. Volta para o mesmo banco e tenta se acalmar. Enquanto mastiga o chocolate e toma a água olha para uma fila de pessoas que estão esperando para comprar sorvete. Se sente enjoado. Precisa se concentrar em algo para controlar a ânsia e o mal estar. Pega sua carteira e começa a mexer nos papéis que estão dentro dela. Encontra recibos antigos, uma foto 3X4 e um papel enrolado que não sabe o que é. Desenrola o papel e reconhece uma espécie de breve planejamento financeiro que fez para o ano. Vê escrito ali seu salário, quanto tem guardado, quanto gasta, quanto pretende reservar para a viagem que faria no final do ano para o Uruguai. Tudo isso parece fazer parte de outra realidade agora. Amassa o papel e joga na lixeira ao lado. Encara um dos homens que está esperando na fila do sorvete. Parece ter a idade dele, se veste parecido, com roupas escuras, poderia ser uma versão dele de Schmidt. Persiste o olhar no homem, mas ele o ignora. Começa a afirmar com a cabeça, como se juntasse ideias. Dá uma risada sem graça e agora nega com a cabeça. Levanta-se, joga o papel do chocolate e a garrafa de água metade cheia no lixo e vai em direção a um táxi para voltar ao hotel.

\*

Já é noite quando atravessa o hall do hotel. Cumprimenta com um leve balançar de cabeça o atendente atrás do balcão. Vai para o corredor que dá nos

elevadores e passa a loja de souvenirs, o estande fotográfico e a galeria de banhos termais. Ouve mais à frente um barulho abafado. Vem do salão do hotel. Curioso, se aproxima e empurra a porta dupla. Entra no amplo salão e observa uma multidão sentada em mesas redondas de toalha branca. Uma grande mesa de buffet foi colocada bem no centro do salão. Há uma fila esperando para encher o seu prato de comida, a maioria idosos. No extremo do salão, um homem de meia idade toca teclado e canta em cima do palco improvisado, com luzes azuis e vermelhas que piscam sobre ele. O salão está com a iluminação baixa e Marcelo se esforça para discernir os rostos em cada mesa. Perto dele há um balcão improvisado de bar. É alto o volume da música cantada pelo homem em cima do palco. Ele se aproxima do atendente:

“Como funciona o sistema?”

“O buffet é livre. Vai ter uma apresentação musical depois, essa é só a abertura.”

“E como que pago?”

“A conta vai para suas despesas no hotel. O senhor deseja alguma bebida?”

“Me vê uma dose de vodka.”

Marcelo apoia os cotovelos na bancada enquanto o homem prepara a dose. Vira-se e observa mais uma vez o salão repleto de idosos. Alguns usam óculos coloridos, perucas e dançam com adereços de carnaval. O músico termina sua apresentação e todos batem palma. Marcelo toma sua dose e agradece ao garçom. Considera comer alguma coisa. Vai em direção ao buffet, pega um

prato, espera um pouco e se serve. Avista uma mesa vazia no fundo do salão e se senta lá. Sem entender o porquê, perde a fome. Mexe com o garfo no bife à molho madeira que pegou e de repente a comida lhe parece repugnante.

A apresentação musical nova começa e agora é um trio que toca. Um homem no teclado e uma mulher no violão e um outro homem na bateria. Não consegue reconhecer a música, mas toma uma raiva pelos músicos, pelos velhos, pelo garçom, pelas luzes que piscam. Os velhos com fantasias se levantam mais uma vez e recomeçam a festa. Apalpa o bolso de sua camisa e lembra que sobraram dois cigarros de ontem. Examina os cigarros e percebe que estão meio amassados, mas que ainda dá para fumá-los. Nota uma porta lateral que deve dar para um pátio externo, se levanta e vai em direção a ela.

Ao fechar a porta ele se depara com os fundos do hotel. Há uma fileira de lixeiras de plástico abarrotadas de sacos de lixo. O cheiro de comida vindo da cozinha é forte. Os exaustores fazem barulhos como se estivessem enferrujados. Mal dá para ouvir a música e o barulho do salão. Pega o cigarro e percebe que não tem fogo.

No mesmo momento, um homem de avental sai de uma porta que Marcelo não tinha visto que existia. Eles se olham e se dão um aceno discreto:

“Tu tem fogo?”

“Tenho. Tu tem um pra me filar?”

“Tenho. Meu último.”

“Ah, então deixa.”

“Imagina, não tem problema. Eu nem fumo direito.”

Marcelo dá um dos cigarros amassados para o homem de avental branco. O homem o acende e passa o isqueiro para Marcelo.

“Valeu. Tu é cozinheiro?”

“Sou chapeiro.”

“Massa. Meu nome é Marcelo.”

“Meu é Ernesto. Prazer. E tu, faz o quê?”

“Sou jornalista. Vim cobrir a história da instalação da fábrica.”

“Saquei. Tu é de Floripa?”

“Sou.”

“Eu também. Mas faz 10 anos que moro aqui.”

“E tu gosta?”

“A vida é tranquila, mas eu não escolhi muito. A família da minha mulher é daqui, a gente não tava achando emprego em Floripa, então ficamos sabendo que o hotel tinha aberto umas vagas. Tamo aqui até hoje.”

“Ela trabalha no hotel também?”

“Sim, ela é recepcionista pela manhã. E tu, curte teu trabalho?”

“Sim, acho que sim.”

“Entendi... tu fica aí até quando?”

“Não sei. Até amanhã, acho.”

“Saquei... cara... eu saio daqui a 30 minutos e não tô afim muito de ir pra casa. Já falei com a patroa e ela liberou. Combinei de dar uma volta de carro

com a prima dela, que trabalha aqui no hotel também. A gente só vai dar um rolê pela cidade. Não tá afim?”

“É... pode ser, acho.”

“Pode ser ou não?”

“Pode ser.”

Ernesto joga o cigarro no chão e pisa, apagando a ponta.

“Meia-noite te pego na frente do hotel, pode ser?”

“Beleza.”

“Até mais, jogador.”

Vendo Ernesto voltar para a cozinha, Marcelo não sabe muito bem o que fazer, só sabe que não quer ficar ali sozinho e nem voltar para o salão. Decide então matar um tempo no quarto.

\*

Fecha a porta do quarto, desce as escadas e vai para a frente do hotel. Cai uma garoa e por isso ele decide ficar debaixo da marquise. De repente, vê um Gol antigo e quadrado dobrando a rua. O carro para na sua frente.

“E aí... bora?”

Marcelo dá a volta no carro e vê uma garota sentada no banco de trás. É a fotógrafa do hotel.

“Eu sento na frente ou atrás?”



“Senta aqui na frente, garanhão, me faz companhia.”

“Tá bom.”

O carro parte e segue na rodovia que margeia o principal rio da cidade. Ernesto acende um cigarro e, enquanto dirige, bate as cinzas na janela.

“Vamos te levar em um pico massa. Essa é a prima da minha esposa, que te falei, o nome dela é Mariana. Mariana, esse é o Marcelo, achei ele perdido no hotel hoje.”

“Oi, tudo bem?”

“Tudo.”

O carro se distancia da parte mais urbana da cidade e ganha os morros que fazem parte dos limites do município. Em alguns minutos eles param em uma região elevada, sem asfalto, que dá de vista para uma construção abandonada. Ernesto desliga o carro, liga o som, se vira para o banco de trás onde está Mariana, e diz que vai bolar um. Mariana e Marcelo saem do carro e de espreguiçam, mesmo que só tenham estado por 20 minutos rodando.

“O que é essa construção?” - pergunta Marcelo.

“Era pra ser um shopping. Mais uma promessa de grande negócio que ia mudar a cidade. Não sei porque abandonaram.” - diz Mariana.

“Tu tá aqui desde de quando?”

“Desde sempre. Eu nasci aqui.”

“Vocês vêm muito aqui?”

“Sim, geralmente vem eu, o Ernesto e a Cláudia, mulher dele, minha prima. Tu conhece o Ernesto da onde?”

“Do hotel. A gente se conheceu hoje, pra falar a verdade, ele falou no carro. Não sei porque ele me convidou, mas acho que é melhor do que ficar trancado no apartamento. Tu é a fotógrafa do hotel, né? Eu já te vi.”

“Sou. Sim, eu te vi também.”

“E tu gosta?”

“Eu gosto de bater fotos. Acho que esse é o único emprego perto disso que eu ia conseguir aqui.”

“E tu já não pensou em sair daqui?”

“Já, mas minha família não tem dinheiro. Eu tô tentando juntar um pouco, mas é difícil. Acho que eu teria que estudar fotografia em algum lugar, não sei. É caro.”

“Sei como é. Mas tu gosta de tirar umas fotos mais artísticas?”

“Gosto, é o que faço no meu tempo livre, praticamente.”

“Isso é legal.”

“É... e tu? Faz o quê?”

“Sou jornalista, de Florianópolis.”

“Veio acompanhar a coisa da fábrica, né.”

“Sim.”

“E aí?”

“E aí, o quê?”

“Sei lá... tu gosta? Já que tu perguntou eu te pergunto também.”

“Não, não gosto.”

“E tu não vai fazer nada com relação a isso?”

“Não sei. Não é tão simples assim.”

“Tu é casado? Tem filhos?”

“Não.”

“Sempre dá pra mudar de vida, então.”

“É...”

Ernesto se levanta do carro e deixa a porta aberta. O rádio do carro toca num volume alto um hit dos anos 80. Ele se aproxima de Mariana e Marcelo e acende o baseado. Puxa e passa para Marcelo.

“E aí, Mari, curtiu meu nome bróder? Tu tinha que ver a cara de assustado que ele fez quando fui falar com ele lá no hotel.”

“Pois é, ele tava me falando.”

“Sabe quem que ele me lembra?”

“Ham?”

“O Jairo. Tu não acha?”

“É... lembra um pouco, mas acho que a personalidade não tem muito a ver.”

“Quem era esse Jairo?”

“Era um bróder nosso que trabalhou no hotel também. Foi embora ano passado tentar a vida em Porto Alegre. Era uma figuraça.”

“Entendi.”

Os três ficam em silêncio por um instante. Ernesto passa o baseado para Marcelo mais uma vez e se afasta dele e de Mariana. Os dois não sabem muito bem o que falar e encaram a construção abandonada enquanto fumam. De repente, uma pedra grande voa em direção à construção. O Barulho dela batendo em um dos pilares ecoa pelo descampado. Mariana e Marcelo olham para trás e veem Ernesto com um riso meio frouxo na cara.

“Vai, agora é vocês.”

Marcelo parece incrédulo, mas Mariana acha uma pedra no chão e tenta jogá-la, mas ela não alcança a construção.

“Fracote, Mari. E aí, irmão, vai ficar só olhando?”

Contrariado, Marcelo pega uma pedra grande e a arremessa. Ela também não chega na construção abandonada.

“Ih, tô mal de companhia hoje. Deixa pra lá. Vamos descer e dar uma olhada lá?”

“Pode ser.” - diz Mariana.

Os três descem o barranco meio desajeitados e seguem uma pequena trilha em direção ao shopping. Ernesto usa seu celular como lanterna. Mariana segue atrás e por último Marcelo, que olha para o chão, um tanto incrédulo.

Eles chegam à construção abandonada e começam a andar pelo corredor principal. As vigas de concreto parecem finalizadas, mas há partes em que há paredes incompletas ou mesmo ausentes. Há muita sujeira acumulada no chão: sacos plásticos, colchões despedaçados, fezes, seringas, garrafas PET.

“Nesto, tô com um pouco de medo.”

“Não viaja, Mari.”

Marcelo decide se separar dos dois e escolhe avançar em uma galeria. A luz do luar não chega a essa parte da construção e ele não tem seu celular para poder ver o que há na sua frente. Anda mais alguns metros e parece arrependido. Não tem certeza se consegue voltar, ao mesmo tempo, acha ridículo soltar um grito e dizer que está perdido. De repente, ouve um barulho de lixo do chão sendo remexido. Fica parado e força a vista para tentar enxergar algo. Não consegue. Uma mão toca o seu ombro e ele dá um pulo de susto.

“Calma, sou eu, a Mariana.”

A mão dela continua pousada em seu ombro.

“Ah tá, que susto. Achei que tu tinha ido para o outro lado.”

“Eu tinha, mas dei uma volta que acabou dando aqui.”

Os dois ficam em silêncio e Marcelo bota sua mão sobre a mão de Mariana. Ele tira a mão dela de seu ombro e continua a segurá-la. Os dois se aproximam. Ele sente o cabelo dela roçar em seu pescoço. Ele se inclina levemente e ela faz o mesmo. Beijam-se. Ele solta a mão dela e envolve seu braço no corpo dela. Sente o calor de seu corpo e o ritmo acelerado da respiração. Um feixe de luz surge ao fundo. Marcelo consegue enxergar os olhos de Mariana, franzidos em uma expressão de felicidade.

“Mari! Marcelo! Cadê vocês?”

“Vamos atrás dele.”

Marcelo toma a dianteira e volta a segurar a mão dela.

“Tu não tem um celular? Eu quebrei o meu hoje.” - diz Marcelo.

“Tenho, mas ele é antigo e não tem lanterna.”

“Mari, Marcelo, aqui!”

“Pronto, nos achamos.” - diz Mariana.

“E aí, vocês descobriram alguma coisa?”

“Não. E tu?”

“Achei esse pé de cabra. Tá novinho. Como é que alguém pode ter deixado isso aqui? Vou levar pra casa.”

“Massa.” - diz Mariana.

“É... massa. Vamos embora?” - pergunta Marcelo.

“Tá bom”

\*

O vento quente bate no rosto de Marcelo enquanto ele observa a paisagem rural passar pela janela aberta do carro. Está no banco traseiro, abraçado com Mariana.

“Marcelo, bróder, precisamos te contar uma parada.”

“Fala logo. Não me assusta.”

“Calma, não é nada sério, mas seria sacanagem se a gente não te contasse. É que eu não fui de bobeira falar contigo lá no hotel. A gente já sabia quem tu era. A Mari pediu pra eu falar contigo. Tu acha que eu ia convidar do nada alguém pra dar um rolê assim? A mina já tava de olho em ti.”

“Não fica brabo, Marcelo, é que eu não sabia como que a gente podia se encontrar - diz Mariana.”

“Não, tudo bem... quer dizer então que eu sou o idiota da história.”

“Ah, foi por uma boa causa. Duvido que tu não esteja feliz agora, abraçadinho com a Mari.”

“Pode ser, pode ser.”

“A gente já tá chegando. Eu vou pra casa porque tenho umas paradas para fazer amanhã antes de tramar. Te deixo no hotel?”

Mariana e Marcelo se olham.

“Não, a gente vai pra minha casa, toca pra lá.”

“Beleza.”

\*

Mariana e Marcelo sobem as escadas de um conjunto de kitinetes de paredes amarelas. Ela abre a porta do apartamento e acende as luzes.

“Entra. Tá meio bagunçado, desculpa.”

“Eu não me importo.”

Marcelo se senta na cama e olha ao seu redor. Percebe pela disposição das coisas que Mariana é organizada e que falou que o apartamento estava bagunçado só por educação. O espaço é pequeno e limpo. Ele fica com a impressão de que ela tem algo de oriental, por mais que não aparente ter nenhuma característica dessa etnia.

“Gostei da tua casa. É pequena, mas tu conseguiu ajeitar bem as coisas.”

“Obrigado. Deixa eu te mostrar uma coisa.”

Mariana abre um armário e tira uma caixa de sapatos. Ela se senta com a caixa ao lado de Marcelo e a abre.

“Queria te mostrar umas fotos que fiz. Olha.”

Marcelo pega uma das fotos e a olha com cuidado. Uma garota de uns 9 anos está sentada em uma pedra. Há água em volta dela e ela está de biquíni. Ela tem os braços e a cabeça apoiadas nos joelhos. Parece irritada ou triste. O olhar para a câmera é penetrante. Há algo de maléfico no olhar. Há um tom esverdeado na imagem toda. A cor da água e da pele da garota parece desbotada, morta.

Enquanto Marcelo olha atentamente para a foto, Mariana passa a mão em seu pescoço. Ele olha outras imagens, menos marcantes do que a da garota. Ela coloca a caixa de sapatos ao lado da cama e puxa Marcelo. Eles começam a se beijar. Marcelo pega um punhado de seu cabelo e deixa as mexas escorrerem entre seus dedos. O cabelo é muito negro e liso. Ele passa a palma da mão na bochecha dela. Ela o encara, ele a beija. Ela passa a mão por debaixo da



camiseta dele. Ele faz o mesmo. Aos poucos, eles tiram a roupa. Ela tem seios pequenos, sua pele é branca, cor de leite. Ela pega no pênis duro de Marcelo e puxa para que ela venha por cima dele na cama. Marcelo beija seu pescoço, chupa seus seios e beija sua barriga. Desce até a vagina de Mariana e começa a chupá-la. Mariana geme e movimenta para frente e para trás a sua cintura. Aperta a cabeça dele e fala para ele parar. Quer que ele a coma. Ele se ergue, puxa as coxas magras e macias dela e abre espaço para penetrá-la. Ele a penetra sem camisinha e pergunta se não tem problema. Ela diz que não e pede para que ele não pare. Eles começam a se movimentar e a gemer. A cama começa a ranger alto e ela fica preocupada se não vão acordar os vizinhos. Ele começa a fazer movimentos mais suaves e deita de lado, colocando o mirrado corpo dela também de lado. Ele pede para ela se virar. Ela vira e ele começa a comê-la enquanto mexe em seu cabelo e morde seu pescoço. Os movimentos ficam acelerados de novo e ele se ergue. Coloca ela de quatro e ela protesta, gemendo, mas obedece. Ele pega primeiro na cintura dela, depois apoia as duas mãos em seus ombros, botando muita carga no corpo dela. Ele sente um misto de prazer e receio em fazer a força que está fazendo, mas não para. Ele acelera ainda mais o movimento e fala que vai gozar. Ela reafirma o anúncio dele, como se fosse um pedido ou uma permissão e grita, goza! Ele solta um urro, goza e cai por cima dela. Os cabelos de Mariana grudam em seu rosto, suado. Os dois respiram, ofegantes. Marcelo consegue ouvir o coração dela batendo.

“Tá tudo bem?”

“Tá. E contigo?”

“Sim.”

“Eu não aguentei, desculpa.”

“Tudo bem. Foi bom.”

“Tu quer que eu te chupe pra tu gozar?”

“Não precisa, vem aqui do meu lado. Tu tá pesando.”

Marcelo sai de cima dela e rola para seu lado. Os dois olham para o teto até que fecham os olhos. As respirações ficam mais lentas e o silêncio se faz no quarto. Uma luz na rua se acende. Provavelmente é alguém se preparando para ir trabalhar, mesmo que ainda não tenha amanhecido. Marcelo olha para o lado e percebe que Mariana dorme. Ele arruma a sua franja, que está batendo no olho e tenta se posicionar de uma maneira mais confortável, deslizando um pouco mais para baixo da cama. Essa posição faz com que ele comece a olhar para o teto. O vento bate, as árvores na rua balançam e uma sombra pálida das folhas e galhos reflete na parede. Marcelo se levanta e nu começa a andar pelo apartamento. Agacha-se ao lado da cama e pega a caixa de sapatos com as fotos. Olha mais uma vez em algumas delas e se detém novamente na fotografia da garota com o olhar esquisito. Decide roubar a foto. Senta-se na cama e Mariana quase acorda por conta do movimento. Desliza a mão no pé dela e aperta com força o seu tornozelo. Olha para a parede vazia a sua frente no momento em que uma luz de carro varre a superfície dessa parede. Respira e mexe a cabeça em tom de afirmação, como se estivesse se convencendo de

algo. Levanta-se, procura papel e caneta. Escreve uma mensagem e deixa em cima da mesa onde Mariana deve fazer suas refeições. Bota a roupa e vai até ela pela última vez. Senta-se na cama e mexe em seus cabelos. Dá um beijo em sua testa. Ela se mexe, geme e acorda. Seus olhos brilham e ela faz uma expressão de não entende o que está acontecendo.

“Eu preciso ir.”

“Tá bom. Quando eu vou te ver de novo?”

“Eu não sei.”

Os dois se encaram por um momento. Mariana se senta e apoia a mão na bochecha. O olhar é perdido e um pouco melancólico.

“Obrigado.” - diz Marcelo.

“Pelo quê?”

“Não sei, por tudo, por hoje.”

“Sim. Obrigado também.”

Marcelo tira do bolso o caderninho azul.

“Olha, fica com isso.” - diz Marcelo. “É o meu caderno de anotações. Tem coisas do trabalho e coisas soltas que escrevo. Não tem nada demais, mas queria que tu ficasse com ele. Quem sabe tu entenda.”

Eles se abraçam, se beijam e Marcelo se levanta da cama. Olha uma última vez para Mariana, como se quisesse gravar a imagem na sua mente. Abre a porta e sai.

Falta ainda algum tempo para amanhecer, faz frio e Marcelo aperta o passo. De súbito, decide tomar uma rua, mas todas parecem mais ou menos iguais, com suas casas de alvenaria já antigas, muro baixo, carro na garagem. Continua a andar de maneira acelerada como se procurasse por algo, mas não sabe o quê. Um carro passa ao seu lado e ele e o motorista trocam olhares desconfiados. Começa a se aproximar do centro da cidade ainda deserto. Chega em uma praça onde um mendigo dorme em um banco. Tenta não chamar a atenção dele e continua a andar com o objetivo de sair do centro. Está na rua que é o comércio principal da cidade, muito diferente agora do que quando ele começou a andar a durante o dia. Agora só há lojas com a grade abaixada, algumas delas pichadas. No meio da rua há um orelhão. Decide parar, hesita por um instante, pois é cedo demais e seu pai deve estar dormindo. Mesmo assim disca os números a cobrar. O telefone toca por um tempo, até que atende.

“Alô? Quem é uma hora dessa? Alô? Não vai falar nada seu vagabundo? Vai tomar no cu.”

Bota o telefone no gancho. Afasta-se do orelhão. Dobra mais uma rua, uma rua que nunca entrou, e se depara com o fim repentino de prédios da região.

No lugar do prédio, há um grande terreno baldio que serve de depósito de lixo e estacionamento para alguns carros. No meio de lixos, pedaços de plástico, latas de tinta, pedaços de madeira, ele vê uma bicicleta. É um modelo bastante antigo, de cor azul clara. Aproxima-se e ergue a bicicleta. Começa

examiná-la e nota que está bastante enferrujada, mas passa o pé sobre o pedal e faz sua engrenagem girar. Parece funcionar. Percebe que o guidom está meio torto, mas tem a impressão de que dá para usá-la. Empurra a bicicleta para o meio da rua e sobe nela. Gira o pedal e se senta no selim. Funciona. Um pouco travado, mas funciona. A cada pedalada a bicicleta faz um guincho, de duas peças arrastando uma na outra, mas fora isso ela se movimenta normalmente. Continua a pedalar e consegue tomar um pouco de velocidade. Quanto mais rápido e com mais força, menos barulho ela faz. Perdido, ele dobra algumas esquinas até que finalmente consegue sair do centro. Avança por uma avenida de 4 pistas que margeia o rio principal da cidade. Um carro passa e buzina várias vezes, o assustando.

Decide parar por alguns segundos por conta do susto. A sua frente olha o morro para onde a avenida vai dar. Faz o gesto de afirmação com a cabeça mais uma vez. É o morro que fica ao lado do terreno onde será construída a fábrica da Schloss. Gira novamente o pedal e vai em direção ao morro. Tenta tomar mais velocidade para conseguir subir a inclinação, já que a bicicleta não tem marchas, até que dá um giro em falso, se desequilibra e cai junto com a bicicleta no chão. A queda não foi tão dura, mas um de seus cotovelos começa a sangrar e a arder. Levanta-se novamente, toma impulso e agora sim começa a subir a ladeira. Já no começo da subida começa a cansar, até que decide descer da bicicleta e fazer o trajeto a pé.

Chega a um platô, formado por uma enorme rocha, onde há uma curva com um bolsão que serve de mirante e estacionamento de carros. Joga a bicicleta no chão e observa a paisagem do terreno da futura fábrica da Schloss. O céu está bastante estrelado e logo abaixo, o rio Itapoã segue seu curso. Várias pedras entrecortam o caminho do rio. Atrás de si mais um carro passa, faz a curva e segue a subida pelo morro. O susto faz ele recuperar a atenção. Observa sua mão e percebe que não consegue parar de tremer. Respira fundo e sente uma sensibilidade grande quando o ar entra nos pulmões. Tenta respirar mais lentamente até se acalmar. Aperta as duas mãos com força e enxuga uma lágrima que escorre de seus olhos.

Mais seguro de si, se levanta novamente e vai em direção à bicicleta. Sobe em cima dela e toma distância com relação ao desfiladeiro que dá para o terreno da Schloss. Tendo chegado na distância máxima, faz mais uma vez o movimento de afirmação com a cabeça, como se precisasse se convencer do ato.

Fecha os olhos e pega impulso para começar a pedalar. Pedala com tudo em direção ao desfiladeiro e um pouco antes de chega no final da terra tenta dar um salto com a bicicleta, mas ela é muito pesada e ele não consegue sair do chão. Em um reflexo instintivo, tenta aterrisar com segurança no plano bastante inclinado que liga o platô ao rio Itapoã. Ele aterrisa mal e cai no chão emaranhado na bicicleta. O guidom quebra uma de suas costelas e ele começa a rolar pelo plano inclinado, batendo com a cabeça em pedra grande.

Nesse momento, já desacordado, continua a rolar pelo barranco, tendo escoriações e perfurações nos membros e nos troncos, até que cai no rio.

O barulho do seu corpo caindo dentro da água é alto, mas não há ninguém perto que possa ouvir. Desacordado, é levado pelo fluxo violento do rio. Uma mancha de sangue se forma ao seu redor. Por alguns segundos, acorda e começa a se debater. Não parece ter consciência, entretanto. Sente muita dor e começa a engolir água. Aos poucos começa a afundar, até não poder mais ser visto.